

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DANUZIO ASTORE

DIACONIA E MISSÃO EM CONTEXTO DE PERIFERIA:
O DESAFIO DA CIDADANIA NA COMUNIDADE BICO DO URUBU

São Leopoldo
2010

DANUZIO ASTORE

DIACONIA E MISSÃO EM CONTEXTO DE PERIFERIA:
O DESAFIO DA CIDADANIA NA COMUNIDADE DE BICO DO URUBU

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A858d Astore, Danuzio

Diaconia e missão em contexto de periferia: o desafio da cidadania na comunidade de Bico do Urubu / Danuzio Astore ; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

89 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Missão da Igreja. 2 Diaconia. 3. Obras da igreja – Espírito Santo (Estado). I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

DANUZIO ASTORE

DIACONIA E MISSÃO EM CONTEXTO DE PERIFERIA:
O DESAFIO DA CIDADANIA NA COMUNIDADE DE BICO DO URUBU

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Data:

Rodolfo Gaede Neto - Doutor em Teologia - EST

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - EST

Arno Vorpapel Scheunemann - Doutor em Teologia - Ulbra

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Érica, pela paciência devido às minhas ausências, mesmo estando presente;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto, pela condução de todo o processo que me permitiu terminar este trabalho;

À Faculdade Unida de Vitória, e seu diretor, Wanderley Rosa, pelo estímulo, companheirismo e toda ajuda possível;

Aos distintos membros da banca examinadora, pela atenção e disponibilidade em prestar esse serviço;

À secretária acadêmica da Pós-Graduação, Lorrany Fávaro, e a toda a equipe da biblioteca da EST, pela dedicação e gentileza em servir com carinho e rapidez;

Ao companheiro, amigo e irmão, Pastor Benedito Vitorino de Farias, a quem não tenho como agradecer em palavras por tudo que fez por mim e por me socorrer nos momentos mais difíceis. Você realmente vale muito para mim;

E a todos que torceram por mim. Inclusive você. Meu muito obrigado de coração!

Gostaria de prestar uma homenagem póstuma ao meu pai, quem sempre me incentivou a trilhar o caminho da justiça e da honestidade. Ele nos deixou no dia 23 de setembro de 1993, deixando muitas saudades. Também aprendi que ir embora talvez seja estar perto para sempre, num lugar seguro, onde ninguém possa ameaçar, ou condição alguma consiga abalar. Assim, presto esta simples homenagem ao meu querido pai, que continua a me ensinar, com os exemplos que deixou, mesmo tendo partido aparentemente tão cedo, mas na verdade, no tempo certo. Para Luiz Astore, in memoriam.

RESUMO

O presente trabalho quer contribuir na análise da realidade específica de uma comunidade localizada em uma região periférica de Guarapari, no Espírito Santo. O trabalho se pauta na avaliação e conseqüente valorização do trabalho voluntário nas igrejas e também na descoberta do verdadeiro sentido da diaconia e da Missão. Trata-se de avaliar o momento segundo da teologia, isto é, buscar uma reflexão para um ato primeiro que foi a elaboração de um projeto que visa amenizar as agruras sociais das famílias que vivem no bairro Lameirão em Guarapari. Esta resposta primeira é motivada pela fé. No contexto brasileiro, pode-se destacar que as igrejas evangélicas, atualmente, não têm dispensado a devida atenção à Missão e à diaconia. Certamente, este trabalho também é uma forma de estar redescobrando a importância da contribuição da Missão e da diaconia, não somente para a Igreja, mas para a sociedade.

Palavras-chave: Trabalho voluntário. Missão. Diaconia. Lameirão.

ABSTRACT

This paper wants to contribute in the analysis of the specific reality of a community located in a peripheral region of Guarapari in Espírito Santo State. The work is guided in the assessment and consequent importance of volunteer work in churches and also in discovering the true meaning of the Mission and diakonia. This is to evaluate the second moment of theology, that is a reflection to get a first act that was the elaboration of a project to mitigate the social hardships of families living in the neighborhood Lameirão, in Guarapari. This first response is motivated by faith. In the Brazilian context, it is worth noting that evangelical churches today do not have to pay due attention to the Mission and Diakonia. Certainly, this work is a way to be rediscovering the importance of the contribution of Mission and Diakonia, not only the Church but to society.

Keywords: Volunteer work. Mission. Diakonia. Lameirão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 MISSÃO E DIACONIA: UM OLHAR PARA O CUIDADO	11
1.1 A crise da missão	13
1.3 Igreja em Missão	18
1.4 Missão e Compaixão	22
1.5 Quebra de paradigmas.....	24
1.6 Diaconia: da terminologia à conceitualização	27
1.7 A prática diaconal e a diaconia de Jesus	36
2 A COMUNIDADE DO BICO DO URUBU.....	41
2.1 Uma breve apresentação	41
2.2 Conhecendo Guarapari/ES	41
2.3 O Bairro “Lameirão”.....	43
2.4 Bico do Urubu	47
2.4.1 <i>Localização</i>	47
2.4.2 <i>Origem do nome</i>	47
2.4.3 <i>Aproximação à Comunidade</i>	48
2.4.4 <i>Problemas encontrados</i>	48
3 ALGUMAS INICIATIVAS PRÁTICAS NO BICO DO URUBU E INDICATIVOS PARA A PRÁTICA DIACONAL-MISSIONÁRIA	61
3.1 Bico do Urubu: primeiro passo	65
CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS	79
ANEXO A: Esgoto e lixo lançados diretamente nos manguezais	83
ANEXO B: Reportagem sobre o trabalho da Associação Ebenézer.....	84
ANEXO C: Localização da Comunidade do Bico do Urubu	85
ANEXO D: Rua da Comunidade do Bico do Urubu	86
ANEXO E: Escolinha de futebol da Comunidade do Bico do Urubu.....	87
ANEXO F: Área do campo de futebol	88

INTRODUÇÃO

A realidade social do Brasil é muito complexa e repleta de contradições. É um país rico, porém desigual, um dos mais desiguais do mundo. O contexto real de atuação das igrejas evangélicas possui, em grande parte, uma situação imediata de dificuldades sociais árdua. Sabe-se que as religiões de caráter protestante de corte carismático crescem muito em meio aos setores mais empobrecidos da sociedade, no entanto, parece existir pouca consideração a respeito das condições do contexto por parte das mesmas. Nestes contextos, certos temas teológicos não são tão trabalhados de maneira crítica como Missão, diaconia, ação social, Comunidade, etc; temas que exigem uma reflexão mais elaborada. O reconhecimento da ausência de tal abordagem se dá pela própria prática de isolamento destas igrejas da realidade social. Isso não implica em quietismo, mas se localiza na falta de uma visão mais holística que dualista tão presente no imaginário. A experiência de reflexão parte de uma situação concreta, qual seja, a Comunidade de Bico do Urubu.

A presente dissertação possui uma abordagem prático-teológica. A proposta que aqui se insinua é de refletir o papel da Igreja frente às necessidades sociais, particularmente na Comunidade de Bico do Urubu, no Lameirão, em Guarapari, no estado do Espírito Santo.

O objetivo é fundamentar uma prática – inicialmente – voluntária, missionária e diaconal que tenha a cidadania como alvo. Trabalhar em comunidades na quais se concentram milhares de pessoas em situações de rejeição, carência, exclusão e pobreza tem sido um desafio, não somente para os órgãos institucionais competentes, mas também para as igrejas.

No primeiro capítulo, procuramos realizar um estudo teórico dos conceitos de diaconia e missão, inter-relacionando esses dois conceitos e buscando sua contribuição comum para a fundamentação e promoção da cidadania.

No segundo capítulo, além de caracterizar a realidade social da Comunidade de Bico do Urubu, procurou-se acrescentar um pouco de sua história, como por exemplo: a origem de seu nome, a aproximação com a Comunidade de fé, os problemas ali existentes, as dificuldades de seus moradores, a falta de informação sobre os direitos sociais e sobre práticas de cidadania e, principalmente, as

dificuldades enfrentadas por crianças, adolescentes e jovens da comunidade. Os problemas existentes na comunidade têm tido um grande impacto para as crianças, pois elas sofrem pela falta de atividades que promovam e proporcionem seu crescimento longe de ambientes hostis e de risco para sua integridade, seja ela física ou social.

O terceiro capítulo apresenta indicativos para uma prática voluntária, missionária e diaconal em comunidades de periferia que contribua para a promoção da cidadania. Acrescentamos algumas alternativas que já estão sendo colocadas em prática na Comunidade de Bico do Urubu e seus resultados que têm feito diferença na vida de muitas crianças, adolescentes e jovens da Comunidade. Procurou-se incentivá-los com práticas simples, mas motivadores que têm levado muitos a retornar à escola e a garantir um melhor rendimento, além de voltar a frequentar igrejas e possibilitar um melhor relacionamento familiar.

E, finalmente, esse trabalho deseja desafiar empresários e igrejas a quebrarem barreiras e, unidos com um objetivo único, atender aos menos favorecidos, trabalhar para uma ação social voluntária em comunidades periféricas, além de ser um exercício existencial de reflexão do autor que ao tematizar o assunto diz a sua própria palavra e se liberta um pouquinho mais das amarras arbitrarias da alienação.

1 MISSÃO E DIACONIA: UM OLHAR PARA O CUIDADO

A missão é entendida como um empreendimento que transforma a realidade, transforming – transformando; entretanto, o verbo transformar também pode ser um particípio presente, para designar a atividade de transformar, da qual “missão” é o objeto. Aqui, a missão não é o empreendimento que transforma a realidade, mas algo que está sendo, ele próprio, transformado.

(David Bosch).

Sabe-se que a proclamação a respeito de Jesus como *Evento Querigmático* não é feita de qualquer modo, de um modo pessoal sem os ditames institucionais dos muitos grupos cristãos espalhados pelo mundo. Não se trata simplesmente de uma opção pessoal, mas implicados estão muitos dispositivos institucionais. David Bosch remete à ideia de que os cristãos, em sua maioria, estão “firmados” em conceitos pré-formados dentro de seu contexto dogmático sem que possam expressar, com liberdade, sobre Jesus da forma como desejam ou gostariam. Aparentemente os crentes já têm um entendimento definido quanto a sua comunidade cristã, como se firmassem em um discurso pronto sobre Jesus e a Bíblia. Trata-se das doutrinas a formarem os muitos tipos de proclamação do Evento Cristo. No entanto, estas várias formas de expressões cristãs acabam se tornando limitadas não só pela comunidade dos crentes, mas, fundamentalmente, pelo acontecimento de Jesus Cristo que não esgota segundo os dogmas e as doutrinas.

Não é possível cometer os mesmos equívocos missionários do passado. Tem-se a possibilidade de reavaliar os métodos implantados e levantar experiências para serem avaliadas de acordo com o contexto social e cultural em que se está inserido. Bosch, referindo-se à *Missio Dei*, argumenta que existem formas particulares relacionadas de acordo com lugares ou necessidades específicas de participação na *Missio Dei*. Diz ele que

são os acontecimentos situados na origem da comunidade cristã - a “ordem do dia” estabelecida pela vida, morte e ressurreição de Jesus - que estabeleceram, de modo básico e primordial, o caráter distintivo dessa comunidade, e nós temos de orientar-nos por esses acontecimentos. Deus vem a nós primordialmente na história de Jesus e seus feitos (Echegaray 1984:9). Permanece uma diferença entre as primeiras dimensões decisivas de um acontecimento histórico e sua evolução subsequente; à luz disso, podemos de fato, como propôs Schleiermacher (cf. Gerrish 1984:196), considerar o Novo Testamento a norma do que é autenticamente cristão.

Uma tarefa crucial para a Igreja hoje é verificar continuamente se sua compreensão de Cristo corresponde à compreensão das primeiras testemunhas (Küng 1987:238; cf. também o exame perceptivo de Smit 1988). Isso implica, naturalmente, que não podemos refletir de maneira íntegra sobre o que a missão poderia significar hoje em dia, a menos que nos voltemos para Jesus, pois a nossa missão está “amarrada à pessoa e ao ministério de Jesus” (Hahn 1984:269).¹

Tendo a Jesus como modelo, um modelo perfeito de serviço, o envio da Igreja ao mundo e à sociedade se torna um envio ao serviço fundamentalmente. Uma vida de serviço responde ao chamado de Deus que nos convida a ser um canal através do qual seu amor alcança o mundo. Um sólido fundamento teológico para a missão encontra-se na referência fundamental, que é o exemplo de serviço dado pelo próprio Jesus, o ponto de partida de nossa fé: “a autocomunicação de Deus em Cristo como base que procede logicamente e é fundamental para qualquer outra reflexão”.²

Nessa perspectiva, entende-se que o Evangelho de Jesus é muito mais do que uma mensagem e um chamado pessoal, mas é também um chamado coletivo e universal. Infelizmente, a Missão da Igreja tem sido distorcida, possivelmente, por falta de uma fundamentação e compreensão mais ampla da dimensão do Evangelho. Para Bosch, desde os anos 50, tem havido uma notável escalada no uso do termo “missão” entre os cristãos. Isso foi acompanhado de uma significativa ampliação do conceito, ao menos em certos círculos:

até a década de 50, a palavra “missão”, mesmo não sendo usada numa acepção unívoca, tinha um conjunto de sentidos razoavelmente circunscrito. Ela designava: a) o envio de missionários a um território especificado; b) as atividades empreendidas por tais missionários; c) a área geográfica em que os missionários atuavam; d) a agência que expedia os missionários; e) o mundo não-cristão ou “campo de missão” (cf. 1962:52s). Num contexto ligeiramente diferente, esse termo também podia designar: g) uma congregação local sem um pastor residente e que ainda dependia do apoio destinado a aprofundar ou difundir a fé cristã, em geral num ambiente especificamente teológico de “missão”; assim como o termo tem sido usado tradicionalmente, observamos que ela foi parafraseada como: a) propagação da fé; b) expansão do reinado de Deus; c) conversão dos pagãos; e d) fundação de novas igrejas (cf. Muller 1987:31-34).³

O resultado desse processo é um tipo de missão que entra em disputa com outros grupos cristãos. A própria comunidade dos crentes se vê como alvo da

¹ BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2002. p. 41

² KRAMM *apud* BOSCH, 2002, p. 213.

³ BOSCH, 2002, p. 17.

evangelização como se vivesse em um "mundo" em que existem os "santos" separados e as outras pessoas que não fazem parte da nossa comunidade objetos da missão; a intolerância acaba perfazendo os moldes da atuação evangelizadora. Dessa forma, estabelece-se um relacionamento exclusivista com Deus, perde-se a essência do Evangelho, que é a consecução da derrubada dos muros de separação e consequente convivência pacífica com o diferente, a salvação a todos e todas implica na salvação mesma das próprias pessoas evangelizadoras. Perde-se de vista que o indivíduo não existe ontologicamente, mas sim resulta de processos sociais complexos que, portanto, não se pode falar em salvação individual sem que se faça referência ao individualismo metodológico da modernidade. Isso implica em ficar aquém na compreensão da dimensão comunitária do Evangelho. A própria palavra Missão, segundo Bosch, traz indícios de uma perspectiva guerreira.

Os conceitos associados à palavra "missão", são de origem bastante recente. Nas missões católico-romanas, em particular, a autoridade jurídica permaneceu sendo, durante muito tempo, o elemento constitutivo da legitimidade do empreendimento missionário (cf. 1972:228). Fazia parte de todas essas abordagens, conceber missão em termos de expansão, ocupação de campos, conquista de outras religiões e coisas semelhantes.⁴

Todos estes aspectos e conceitos a respeito da "missão" levam à conclusão que a compreensão a respeito da Missão se encontra em crise, haja vista as desconstruções que vêm sendo realizadas pelas análises críticas não somente em âmbito eclesiástico, mas também de maneira geral nas próprias formulações históricas e sociais do saber teológico e suas ramificações cognitivas e interdisciplinares. Algumas mudanças são necessárias para reverter a situação, o que pode gerar crises.

1.1 A crise da missão

O que é novo em relação à nossa era, ao que parece, é que a missão cristã – ao menos como tem sido tradicionalmente interpretada e praticada – está sendo atacada não só a partir de fora, mas também a partir de dentro de suas próprias fileiras. Um dos primeiros exemplos dessa espécie de autocrítica missionária é Schütz (1930).⁵

⁴ BOSCH, 2002, p. 18

⁵ SCHUTZ *apud* BOSCH, 2002, p. 18.

Entende-se que, em muitos casos, a crise da Missão se encontra no centro da própria Missão. Em muitas situações, é possível compreender a origem dos problemas procedentes como, por exemplo, a ênfase exagerada em “ordenações” e institucionalizações, tornando muito especializado os trabalhos de muitas denominações. A falta de incentivo na formação dos leigos é outro ponto problemático. Por vezes, a situação de uma pessoa chamada para a Missão num determinado contexto e para uma determinada função acaba se tornando o centro e base de todas as ações do trabalho missionário. Para muitos, tanto a Igreja quanto a comunidade, a própria obra missionária deve girar em torno de sua maneira de ver as coisas. Seu projeto pessoal se impõe sobre a forma e sobre o jeito de se fazer e conduzir o processo de ação missionária. É um tipo de centralização que tem por função engrandecer o protagonismo de uma única pessoa. Em outras situações, o desejo de ser admirado e louvado por outras pessoas e a busca pela autorrealização deixam a percepção do processo Quenótico completamente de lado (Fp 2.5-7). A *Quenosis* (esvaziamento de toda e qualquer referencialidade egoística) fica como algo estranho ao processo de empoderamento que a teologia triunfalista impõe sobre as subjetividades. A capacidade humana, em muitas ocasiões, substitui a procura pela dependência de Deus. Existe o perigo de valorização das estruturas egoísticas, seja no conhecimento, na formação teológica e capacitação, em detrimento da prática da vivência comunitária. Trabalhar e sonhar tendo, sobretudo, um coração cheio da certeza de que sem a dependência da graça de Deus implica na compreensão da palavra da cruz como exigência paradigmática, exigência essa que conduz para a reflexão ética a respeito da organização estrutural da própria Missão. Não pode haver Missão sem cruz!

A própria condição da Igreja Cristã, segundo Bosch, deveria estar sempre sob a ótica da crise, a História da Igreja possui elementos que não são necessariamente negativos, mas normais em sua existência. A crise supõe mudanças de rumos, mudanças de compreensão e novos parâmetros a serem elencadas na superação das dificuldades.

A crítica da missão não deveria, em si, nos surpreender. É antes, *normal* para os cristãos viverem numa situação de crise. Jamais deveria ter sido diferente. [...] A rigor dever-se-ia dizer que a igreja está sempre num estado de crise e que sua maior insuficiência é o fato de ela só estar consciente disso ocasionalmente. Isso deveria ser assim, sustentou Kraemer, por

causa da “tensão permanente entre a natureza essencial (da igreja) e sua condição empírica”.⁶

A crise deve gerar incômodo e mobilidade na Igreja, a oportunidade para mudanças de paradigmas são, pois, momentos kairóticos⁷ que se aproveitados podem gerar frutos dignos de atuação solidária para com o mundo caído em desespero e resignação. Por muitos séculos, a Igreja tem sofrido a acusação de indevida relação com os sistemas vigentes e tem sido levada a crer, por toda uma filosofia atrelada ao *statu quo*, que é um sucesso. Uma miopia espiritual fantástica; a cegueira para os fatos concretos é criada em detrimento de uma visão desanuviada e sóbria quanto aos potenciais de uma interação honesta e corajosa com suas próprias contradições.

Como seu Senhor, entretanto, a igreja - se for fiel a seu ser - será sempre controvertida, um “sinal contra o qual se falará” (Lc 2.34). Portanto, o fato de ter havido tantos séculos de existência livre de crise para a igreja foi uma normalidade. [...] Saibamos também que defrontar-se com a crise é encontrar a possibilidade de ser verdadeiramente a igreja.⁸

A crise pode ter consequências positivas, quando reconhecemos que é possível gerar oportunidades para uma ação prática. Não o fim da oportunidade, mas, na realidade, apenas o início, o ponto em que dois extremos se encontram e os acontecimentos podem formar uma das direções. A crise pode significar uma mudança que já está estabelecida, mas que não foi aceita. A crise da estrutura pode abrir a percepção para a instalação do Reino de Deus que teve início com o Evento Querigmático da proclamação de Jesus. O Reino de Deus se estabelece na medida em que a Igreja compreende sua Missão: proclamar que em Jesus uma nova etapa teve início, um período escatológico que iniciou quando da morte e ressurreição de Jesus (Hb 1.1).

⁶ BOSCH, 2002, p. 18.

⁷ Para Paul Tillich, segundo Etienne Higuét, “o kairós é o tempo plenificado, o momento do tempo no qual a eternidade irrompe”. A finitude é rasgada pelo infinito e produz um momento histórico prenhe de qualidade e de possibilidade. HIGUET, Etienne A. Jesus Cristo: símbolo de kairós no pensamento de Paul Tillich e nos cultos afro-brasileiros. *Revista Eletrônica Correlatio*, 2005, v. 4, n. 7, p. 60-76, 2005. p. 67-68.

⁸ BOSCH, 2002, p. 19.

1.2 Missão da Igreja e o Reino de Deus

A Igreja Cristã é uma metanarrativa a respeito dos grupos que se organizam em torno da fé em Jesus como o crucificado.⁹ O Reino de Deus é a era na qual Deus se autoproclama na pessoa de Jesus e diz ao mundo que Nele são todas as coisas, fora Dele não há salvação e que Sua ação querigmática se concentrou no serviço de amor à humanidade. O serviço ao próximo cria o critério último e limiar à implantação do Reino de Deus, a saber, a entrega gratuita da existência humana à solidariedade com os que sofrem marginalizados e segregados das elementares condições de vida digna. Saber que as igrejas diferem nas suas concepções de estrutura comunitária é saber que a Igreja cristã como metanarrativa é formada por muitas formas de entender o Reino de Deus e que, sendo assim, é óbvio que as igrejas não devem ser equiparadas ao Reino, mas são somente flashes de luz em momentos de graça; é como um raio que por milésimos de segundos ilumina a escuridão, mas que passa rapidamente. Ladd expressa que

Se o conceito dinâmico do Reino estiver correto, nunca deverá ser identificado com a igreja [...]. Na terminologia bíblica, o Reino não se identifica com seus sujeitos. Estes são o povo de Deus que ingressa no Reino, vive sob seu mando e é governado por ele. A igreja é a comunidade do Reino, mas nunca o próprio Reino [...] O reino é o reinado de Deus; a igreja é uma sociedade de pessoas.¹⁰

A Igreja é o resultado da ação de Deus por meio do Espírito. Não há participação em Cristo sem participação em sua Missão ao mundo. A tarefa missionária da Igreja é parte do projeto expansionista dos grupos neotestamentários, no qual é convocada a participar. Ser Igreja, sem que se coloque centripetamente como núcleo irradiador da missão, significa que o Corpo de Cristo como tal proclama de muitas formas e maneiras a era iniciada por Jesus Cristo; o Espírito Santo é o agente por intermédio do qual esta vida é compartilhada com as pessoas que creem (2Co 3.6; Gl 5.25; Rm 8.2.6).

Isto significa que a igreja não é primordialmente uma ação do Espírito. “Um corpo” corresponde a “um Espírito” (Ef 4.3,4). Não se pode exagerar a

⁹ Por metanarrativa quer-se denotar um conjunto amplo de discursos criados ao longo dos séculos a respeito dos vários grupos cristãos existentes, os quais vão sofrendo homogeneizações em determinados períodos históricos com finalidades político-ideológicas. ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p. 99.

¹⁰ LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 206.

importância desta relação entre o Espírito de Deus e a Igreja. A Igreja depende do Espírito para sua própria existência. Suas palavras e ações são meramente o meio para a manifestação presente do Reino de Deus, e não podem ser explicadas plenamente como palavras e ações humanas. O Reino de Deus não pertence exclusivamente ao futuro. Ele é também uma realidade presente, manifesta na comunidade cristã, que é a “habitação de Deus no Espírito” (Ef 2.22). A Igreja não é o Reino de Deus, mas o resultado concreto do Reino. Ela leva as marcas de sua existência histórica, do “ainda não” que caracteriza o tempo presente.¹¹

Entende-se assim que a missão da Igreja pode ser considerada integral se ela abranger proclamação, denúncia profética, testemunho pessoal e comunitário, chamado ao arrependimento, à conversão e à integração à comunidade dos crentes, e também participação na luta por uma vida mais justa e mais humana inspirada no propósito de Deus.

Não é possível entender corretamente a Missão da Igreja sem a presença do Reino. A Missão da Igreja deve ter como base os exemplos deixados por Jesus, pois seu ministério era a proclamação da palavra e o serviço gracioso a todos e todas que a Ele se achegavam.

O testemunho apostólico continua sendo o testemunho do Espírito acerca de Jesus Cristo, por meio da igreja. Deus, que “colocou todas as coisas debaixo dos seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1.22-23). Como comunidade do Reino, a igreja confessa e proclama ao Senhor Jesus Cristo. Ela também realiza as boas obras que Deus preparou de antemão para que as faça, para o que Deus a criou em Jesus Cristo (Ef 2.10). É verdade que “por meio dos escritos apostólicos, Jesus e os apóstolos continuam falando”; é igualmente verdade que por meio da Igreja e de suas boas obras o Reino de Deus se torna historicamente visível como uma realidade presente. As boas obras, portanto, não é um mero apêndice da missão, mas uma parte integral da manifestação presente do Reino: elas apontam para o reino que já veio e para o Reino que está por vir.¹²

Portanto, pode-se afirmar que isto significa que as boas obras, relacionadas aos sinais do Reino, flashes muito rápidos, mas não menos necessários, persuadirão os não-crentes acerca da verdade do Evangelho. Não se deve fechar os olhos aos acontecimentos na sociedade como se ela fosse uma esfera da vida dissociada da ação da Igreja, principalmente no âmbito social. Jesus sempre deu importância aos menos favorecidos, pobres e excluídos da sociedade. Preocupava-se com o aspecto espiritual, social, econômico e físico das pessoas, independente

¹¹ PADILHA, René. *Missão integral: ensaios sobre o reino e a igreja*. 2. ed. Londrina: Descoberta, 2005. p. 207.

¹² LADD, 2005, p. 207.

de classe social. É bem verdade que os Evangelhos alocam as ações de Jesus na perspectiva profética de justiça social e assim suas atuações - via de regra - são desenvolvidas entre as pessoas pobres e excluídas, no entanto, a proclamação se estendia para todas as pessoas, aos pobres sem importância para os poderosos do mundo e às ricas de nobre importância mesmo que somente as primeiras respondessem efetivamente Seu chamado. O Reino é para todos e todas.

1.3 Igreja em Missão

Em muitos textos das Escrituras, o interesse redentor de Deus pela natureza humana e sua unidade e necessidade é representado pela noção da criação como obra de Deus iniciada e nunca terminada. A Missão é concatenada como continuação da criação. Missão significa criação contínua das ações por meio da obra salvífica de Cristo na cruz do Calvário. A própria natureza clama pela manifestação dos filhos e filhas de Deus que promoverão a redenção da criação por suas ações de respeito ao gênero humano e ao planeta; trata-se de redenção da natureza como atmosfera englobante de ambos. Segundo Zabatiero, “o reino de Deus coloca a missão da Igreja na perspectiva da integridade humana, na perspectiva de um projeto histórico abrangente, projeto de vida, e vida abundante para todos os povos e para toda a natureza”.¹³ Ele esquematiza sua opinião a respeito da integridade da vida humana e do orbe da seguinte maneira:

¹³ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Liberdade e Paixão: Missiologia Latino-Americana e o Antigo Testamento*. Londrina: Descoberta, 2000. p. 156.

Integridade		
	Deus reina sobre	Perfeito relacionamento entre
(Religioso)	Seu povo	Pessoas e Deus
(Político)	Todas as nações	Nações e Nações da terra
(Cósmico)	Toda a terra	Pessoas e natureza

Fonte: ZABATIERO, 2000.

Observamos que, atualmente, de uma maneira geral, a igreja tem se equivocado em sua prática de fazer Missão, enquanto projeto histórico. Sabe-se dos muitos entrelaçamentos sociais que envolveram e envolvem grupos ditos cristãos a projetos de expansão colonialista e depredadores da natureza humana - e da vida do planeta como um todo - esgotando suas riquezas e potencialidades de manutenção da própria vida.

Júlio Zabatiero, ao citar alguns exemplos de falhas encontradas, enceta o seguinte:

Há igrejas que se restringem ao âmbito religioso do reino de Deus. Normalmente, as igrejas que cometem tal erro definem a missão como algo “espiritual”, que tem a ver com a salvação eterna, mas não tem nada a ver com os problemas políticos, ecológicos, etc. Outro tipo de erro é o do secularismo, quando as igrejas se engajam exclusivamente em trabalhos de promoção humana, transformação de estruturas sociais, etc. A tarefa missionária da igreja não se restringe a uma dimensão do reino, mas é integral. “O evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens” é um lema conhecido da teologia da missão integral da igreja.¹⁴

Trata-se de vida em plenitude a tarefa missionária da Igreja. É algo holístico, não uma parte ou uma fração da verdade do Evangelho que se fragmenta por causa dos interesses dos vários grupos que compõem a Comunidade, numa atitude de acomodação; não se trata de parcelas da vida plena, é sim algo completo em sua compreensão integral. Complementando, Zabatiero diz que

uma igreja em missão tem como seu paradigma o reino de Deus, o projeto histórico do Deus soberano. Como primícias do reino, a igreja será o lugar (topos) primário (não exclusivo) da realização da utopia e, por meio dela (não só, mas principalmente por meio dela), Deus realizará a sua vontade sobre toda a terra. De fato, a missão da igreja, será povo do rei,

¹⁴ ZABATIERO, 2000, p. 156-157.

comunidade libertada do pecado e da morte, cuja existência está a serviço do projeto de vida abundante de Deus para a humanidade.¹⁵

De acordo com a avaliação exposta acima, podemos afirmar – dentro de uma razoabilidade – que as igrejas deveriam ser centros de preparação de cristãos e cristãs para o cumprimento de suas vocações no mundo segundo o chamado de cada um. Muitas igrejas restringem “seus membros” a evangelizarem ou frequentarem ambientes fora de suas comunidades eclesiais e esquecem que Jesus tinha como prática ir ao encontro da multidão, independente do credo ou da posição social. Jesus estava inserido na realidade circundante na qual ele realizava sua Missão.

Bosch propõe a relação entre Igreja e Mundo de uma maneira tal que aquela está em favor deste, não se isolando como se estivesse na Idade Média, quando a vida verdadeiramente cristã era vivida no isolamento, mas também sem perder aquela essência profética do Evangelho. A ordem reinante na atmosfera cultural das Igrejas Evangélicas – restringindo-se tal compreensão aos setores considerados pentecostais, neopentecostais e, em parte, aos evangélicos - a pessoa cristã não pode estar no mundo, nem se envolver com as coisas do mundo, pois tal coisa implica em compartilhar de valores e se imiscuir nas ações “impuras” da carne haja vista a dualidade considerada entre sagrado e profano. Entende-se que o envolvimento da Igreja - aqui se considera o discurso metanarrativo a respeito da Igreja como um elemento não discernível quantitativamente e espacialmente por métodos de análise, mas sim uma pulverização de pessoas que isoladamente representam aquilo que deveria ser a Comunidade dos “verdadeiros” crentes - com o mundo, essa realidade impura e profana, somente é possível através da evangelização, ou seja, o mundo é sempre objeto da captura catequética da Igreja, não há parceria aí, somente existem relações de poder que de antemão consideram a realidade dada, sem análise adequada de cada caso, como algo satanizado. Parece que fora disso, a Igreja não pode se envolver com o mundo, pois conforme a primeira epístola de João, “o mundo jaz no maligno” (1Jo 5.19), dessa forma o crente deve fugir do mundo, evitando um relacionamento pessoal e social com as pessoas que nele habitam. Este pode ser um indicador da alienação dos

¹⁵ ZABATIERO, 2000, p. 157.

crentes, em relação ao mundo e as questões relacionadas à política, à ecologia, à botânica entre outras coisas.

O ministério laico da Igreja deveria ser atuante e engajado sem a necessidade tão centralizadora das lideranças que moldam conforme as vinculações ideológicas subjetivas, e por isso mesmo não tematizadas, mas tornadas – muitas vezes – parâmetro para os direcionamentos missionários. É o elemento escatológico que diz respeito a todas as pessoas. Zabatiero argumenta:

As igrejas locais devem ser centros de preparação dos cristãos para cumprimento da sua vocação no mundo, na política, na ecologia, na economia, na evangelização, no discipulado, na promoção humana. Devemos redescobrir o caráter essencialmente “laico” do ministério sagrado. Cada filho é um ministro, um missionário do reino de Deus, cuja vida está a serviço do Senhor.¹⁶

Jesus nunca ensinou que os discípulos deveriam sair totalmente do mundo, ao contrário, Ele pediu que o livrasse do mal (Jo 17.4), além disso, Jesus enviou os discípulos do mesmo modo que o Pai o enviou (Jo 20.21). Seria coerente pensar que a palavra de Deus deve ser integral, tanto para o interior da Comunidade das pessoas cristãs como também para a totalidade do ambiente no qual ela se encontra. Entende-se que como criaturas de Deus a Igreja cristã é chamada a fazer parte dessa Missão de Deus para o cuidado e acolhimento dos menos favorecidos. Outro aspecto é que a Igreja a serviço da Missão, ou seja, do Reino de Deus é uma Igreja voltada para o mundo, encarnada no mundo, inserida na sua realidade e história. Uma Igreja a serviço do Reino deveria ir ao encontro e alcançar a todas as pessoas, todos os povos e nações com o Evangelho do Reino em sua integralidade trazendo vida plena a toda a humanidade.

Sendo assim, uma igreja em missão deverá ser o protótipo da plenitude da utopia do Reino na terra. Acompanhada e inspirada pelo Espírito, a Igreja em missão poderá viver a serviço do Reino. Um Reino que clama por justiça, paz, fraternidade, amor, solidariedade e que abrange a totalidade da existência humana. Aproximando-se do mundo, a Igreja em missão será o maior atrativo evangélico para os não-cristãos. Certamente a uma grande possibilidade de serem atraídas pela vida da Igreja, e, por isso, creirão na sua mensagem.¹⁷

¹⁶ ZABATIERO, 2000, p. 157.

¹⁷ ZABATIERO, 2000, p. 159.

1.4 Missão e Compaixão

Roberto Zwetsch, em sua tese de doutorado, relata a experiência que marcou significativamente sua vida e que aconteceu na Vigília das Religiões, um evento na Praia do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, o líder espiritual Dalai Lama fez um discurso em que proclamou que o mundo inteiro necessita de compaixão. Segundo Zwetsch, desde então, esta palavra não saiu mais de sua mente e com frequência retorna como um pensamento que precisa ser traduzido em prática de vida, em programas de ação, em alternativas de sobrevivência, para que um *outro mundo seja possível* e a humanidade consiga respirar mútua solidariedade. Ele propõe um olhar com mais cuidado para outras religiões, pois grande parte das religiões, assim como o Budismo, tem a preocupação com o próximo. Ele argumenta como segue:

Entendo que o desafio do budismo não pode ser desconsiderado pela teologia cristã. É preciso levá-lo a sério e procurar nas raízes da teologia cristã o modo de como relacionar a compaixão de Deus com esta proposta de uma compaixão que mobilize os corações humanos em vista de uma nova humanidade.¹⁸

Levar a sério as propostas das outras religiões a respeito da natureza e harmonia com o universo ressalta a capacidade ecumênica de tolerância em relação a outros vieses possíveis. Não significa abrir mão de características fundamentais da confessionalidade cristã, mas sim relativizar posições intransigentes que produzem a falta de solidariedade e amor. A espiritualidade que não reconhece outras possibilidades pode descambar em intolerância. Confundir a tarefa missionária com o espírito empreendedor do século presente significa reduzir os aspectos fundamentais da vivência comunitária aos seus dispositivos periféricos e não centrais, pois centrais são a solidariedade, a misericórdia e a graça, coisas que não podem ser adquiridas pelas ações simplesmente de adesão decisória ou de retribuição ante a tarefa de doação que muitas pessoas fazem aos trabalhos da Igreja em suas muitas faces.

O mundo atual é o da concorrência, da corrida de quem chega primeiro em todos os setores da vida e da sociedade. Que o digam os executivos de

¹⁸ ZWETSCH, Roberto. *Missão como com-paixão: para uma teologia da missão cristã em perspectiva* Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007. p. 274.

empresas e bancos, estes os maiores beneficiários da financeirização do mundo desde meados do século passado, mas cujo sucesso só agora começa a ser sentido em todo o seu peso. De certa forma, o mundo depende do sucesso dos grandes negócios nas bolsas das principais cidades do planeta. Mas é de se perguntar se esta é a única lei possível. Ou pelo menos, se ao seu lado não devem vigorar outras metas que, em contraponto, propugnem a reciprocidade como critério para a convivência humana e equilibrem a balança do capital para resguardar o direito à vida, hoje comprometido para mais de dois terços da humanidade.¹⁹

A missão de Deus comporta uma luta pela vida. Jesus caracteriza a Missão da Igreja como aquela que acolhe o necessitado, que deixa vir o excluído e que abre suas portas e janelas para as pessoas. “Vinde a mim os que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). A resistência ao amor de Deus é permanente neste mundo, a fuga para o pecado persiste em prender os corações envergados sobre si mesmos. O pecado fica sempre ao lado dos empreendimentos que privilegiam as ações egoísticas. A solidariedade fica sempre atrás. Presenciamos uma grande carência de atitudes solidárias com o próximo, como se fechássemos as nossas portas, evitando o encontro com as pessoas e os seus diversos problemas e carências que buscam cuidados. Segundo Zwetsch, isso ocorre tanto nas estruturas objetivas quanto em nossas vidas individuais, isto é, no cotidiano. As instituições – positivadas pelos processos histórico-sociais – transformadas em igrejas acabam sempre deixando de lado os aspectos proféticos. Se apaixonar pela Missão de Deus é perceber a misericórdia de Deus, mas é perceber os elementos concretos de opção por ações concretas aos humildes da terra, isto é, é optar seriamente pelas pessoas mais desprivilegiadas da sociedade. Somente “os misericordiosos e limpos de coração conhecerão a Deus” afirma o Evangelho (Mt 5.7s). É necessário interagir com a dor e o sofrimento das pessoas, independente de sua religião, raça, gênero ou até mesmo sua opção sexual.

A Missão tem a característica da integralidade e rompe com a dualidade profano e sagrado. Corpo e alma não são elementos separados na Missão de Jesus, segundo os Evangelhos. Zwetsch, afirma em sua tese de doutorado, em relação à Missão como *com-paixão*, que a interpretação da Missão se localiza na percepção de que os Evangelhos colocam ênfase na sensibilidade de Jesus, isto é, em sua compaixão pelas pessoas que se aproximavam Dele. Zwetsch escreve o seguinte:

¹⁹ ZWETSCH, 2007, p. 274.

Com-paixão é uma tentativa de demonstrar que missão diz respeito ao ser inteiro das pessoas e da igreja de Deus. Missão como com-paixão é um lema e um programa, um alerta e um desafio. É um reconhecimento e uma esperança. Com-paixão pode ser uma autêntica reinterpretação do Evangelho para o século 21.²⁰

1.5 Quebra de paradigmas

A atual época tem sido designada, tanto na sociedade quanto na Igreja, como “pós-crítica”, “holística” e “ecumênica”, o que é um sintoma característico da necessidade de mudanças. Para Bosch, as mudanças de paradigmas não criam grandes barreiras, pois um novo paradigma tem seus conflitos que ainda operam no velho. Bosch observa que toda a questão está em que a Igreja e a Missão, “em especial, confrontam-se hoje com problemas que clamam por respostas, que não só sejam relevantes para nossos dias, mas também estejam em harmonia com a fé cristã”.²¹

Deve-se pensar em estratégias dentro do contexto específico e concreto sem perder os valores fundamentais da fé cristã e das práticas das igrejas dos primeiros séculos que se pautavam na diaconia.²² Vive-se em uma época que a *igreja-em-missão* tem grandes desafios. Eis alguns fatores que desafiam a Igreja.

1. O Ocidente, que, durante mais de um milênio, foi o lar do cristianismo e, num sentido muito real, foi criação dele, perdeu sua posição dominante no mundo. Povos de todas as partes do globo procuram se libertar daquilo que experimentam como o garrote do Ocidente;
2. Hoje, como nunca antes na história humana, contestam-se estruturas injustas de opressão e exploração. As lutas contra o racismo e o sexualismo representam apenas duas das várias manifestações dessa contestação;
3. Há um profundo sentimento de ambiguidade em relação à tecnologia e ao desenvolvimento ocidentais, e, em verdade, quanto à própria idéia de progresso em si. O progresso, o deus do iluminismo, provou, afinal, ser um deus falso;
4. Mais do que em qualquer época anterior, sabemos atualmente que vivemos em um planeta que fica cada vez menor e que só dispõe de recursos finitos. Agora estamos conscientes de que as pessoas e seu meio ambiente são interdependentes. Capra (1987:519) chama a cosmovisão emergente de *ganzheitlich-ökologisch*, “abramentamente ecológica”;
5. Hoje temos a capacidade não só de destruir a terra de Deus, mas também – novamente, pela primeira vez na história – de exterminar a humanidade. Se a periclitante situação ambiental requer uma resposta

²⁰ ZWETSCH, 2007, p. 281.

²¹ BOSCH, 2002, p. 235.

²² FIGUEIREDO, Fernando Antônio (Org.). *Os Padres da Igreja e a questão social: homilias de Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

- ecologicamente apropriada, a ameaça de um holocausto nuclear desafia-nos a replicar trabalhando para que tenhamos uma paz com justiça;
6. Se o encontro de Bangcoc da Comissão de Missão Mundial e Evangelização (1973) estava correto em afirmar que “a cultura molda a voz humana que responde à voz de Cristo”, então deveria estar claro que as teologias projetadas e desenvolvidas na Europa não podem alegrar superioridade algumas sobre as teologias que estão emergindo em outras partes do mundo. Isso também constitui uma situação nova, porque a supremacia da teologia do Ocidente foi tomada como óbvia durante mais de mil anos;
 7. Igualmente, durante muitos séculos, a superioridade da religião cristã sobre as demais religiões foi considerada simplesmente algo natural (pelos cristãos, é claro). Em verdade, ela era entendida como a única religião verdadeira e a única portadora da salvação. Atualmente, a maioria das pessoas concorda que a liberdade religiosa constitui um direito humano fundamental. Esse fator, junto com muitos outros, força os cristãos a reavaliar sua atitude frente às demais religiões e sua compreensão delas.²³

Para o teólogo da Missão, os fatores implicados no processo missionário citados acima não prescindem da abertura necessária a outras condições e realidades. O importante é existir consciência de que somos desafiados a elaborar e transformar esses “novos” desafios em respostas e soluções apropriadas. Vivemos em outro contexto, em um mundo diferente de outros tempos.

Não nos é mais possível, como o fizemos freqüentemente, dar respostas parciais e improvisadas a questões isoladas na medida em que nos confrontavam. O mundo contemporâneo nos desafia a praticar uma “hermenêutica transformacional” (Martin, 1987:378), uma resposta teológica que nos transforma antes que empreendamos a missão ao mundo.²⁴

As missões protestantes não conseguiram escapar da influência de sua época, próximo ao século XIX. Entende-se que seja preciso avançar e escrever sobre o significado da Missão para cada época e contexto. Não valem para todas as épocas e situações os mesmos dispositivos. Vive-se, atualmente, de maneira diferente do período em que Mateus, Lucas e Paulo escreveram seus Evangelhos e suas cartas para as duas primeiras gerações de cristãos. Todas as questões culturais, sociais, políticas, econômicas e antropológicas da época presente diferem grandemente de outras anteriores. A diferença constitui – em grande parte – a própria constituição das mudanças de paradigma. Parece que as missões protestantes não têm conseguido escapar da influência da época concernente ao conjunto de acontecimentos que caracterizam cada período. A evangelização

²³ BOSCH, 2002, p. 236.

²⁴ BOSCH, 2002, p. 236-237

historicamente se concentrou na responsabilidade de indivíduos em aceitarem o Evangelho. As perspectivas consideradas aqui, a saber, os grupos pentecostais, neopentecostais e certos setores evangélicos optaram pelo decisionismo. Essa visão dominou e domina a perspectiva de se fazer Missão.

Bosch, diante das mudanças no mundo contemporâneo, propõe unidade, além de atitudes e ações criativas que possam resgatar a importância da Missão no mundo. Infelizmente, o que temos acompanhado são igrejas demonstrando mais interesse em resultados relacionados ao crescimento numérico do que qualquer outra coisa. É o espírito do século que dá o tom da Missão, a saber, a aplicação de métodos de abordagem numérica e crescimento baseado na adesão por meio de dispositivos ligados ao pensamento positivo (autoajuda) e ao triunfalismo de mercado lançados para a esfera missionária.

Kjell Nordstokke adverte para o fato da Missão não se restringir aos discursos e que, a diaconia, consubstancia-se em uma resposta apropriada para a ação missionária.

Numa sociedade que gera miséria e marginalidade de milhões de brasileiros, a Igreja não pode se limitar apenas ao discurso. [...] O desafio consiste em dar sinais concretos e visíveis de uma compreensão diferente do ser humano e da sociedade civil. Neste sentido, além da missão podemos também empregar a diaconia. Esta por sua vez é a denúncia e anúncio de um projeto mais humano e cristão de se relacionar com o outro, com a natureza e a sociedade.²⁵

Sebastião Armando Gameleira Soares argumenta que a Igreja não pode se permitir ficar aquém da real condição de seu chamado. Ele propõe que “é missão própria da Igreja, oferecer à sociedade, sempre novos sinais concretos – corporais – da presença e do carinho de Deus. Exatamente como fez em sua atuação em favor dos enfermos, dos marginalizados, dos empobrecidos e dos abatidos”.²⁶

Nessa perspectiva, compreende-se que a diaconia não pode simplesmente ficar atrelada à visão assistencialista de socorro às vítimas, mas atacar as causas mesmas das desigualdades que criam, indo à raiz das questões perguntar não pelo pobre, mas pelas causas da pobreza e da falta de ação em favor dos pobres. A função diaconal é de serviço crítico. Ser diácono ou diácona significa estar a serviço

²⁵ NORDSTOKKE, Kjell. *Diaconia: fé em ação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 70.

²⁶ SOARES *apud* GAEDE NETO, Rodolfo. *A Diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 18.

das pessoas humildes e servi-las assim como Jesus serviu. Ele é o exemplo maior. “Os diáconos surgiram para ajudar os pobres a resolver seus problemas, amando-os como Deus os ama”.²⁷ É serviço de amor.

1.6 Diaconia: da terminologia à conceitualização

Rodolfo Gaede Neto, em seu livro *A Diaconia de Jesus*, alerta quanto à relevância da prática diaconal nas igrejas. Segundo ele, a diaconia tem sido apagada de sua verdadeira fundamentação. Seu argumento é o seguinte:

O termo “diaconia” tem sido tradicionalmente associado a uma atividade secundária na Igreja. A missão da Igreja será a proclamação do Evangelho. Essa tarefa principal teria um cunho espiritual e poderia ser cumprida, simplesmente, através do discurso. Portanto, a tendência à espiritualização da missão da Igreja relegou o ministério da prática a um segundo plano.²⁸

A sua importância está além de “cuidar” dos bens materiais da Igreja ou manter uma convivência social com os membros. A Igreja possui um elemento associativista em muitos aspectos, embora os grupos aqui denominados não reconheçam tal elemento, pois para muitos não existe sequer um livro de membros, mas a questão está em face de acordos tácitos que os discursos expressam em ordem de pagamento e troca, conforme as teologias da prosperidade. Quem paga leva a bênção, se tiver fé. Quem assume a tarefa de financiar a Missão, e Missão seria a manutenção dos trabalhos específicos do grupo, recebe de Deus a bênção por sua disponibilidade. Gaede Neto afirma:

O termo “diaconia” tem sido também associado a assistencialismo. Quando Igrejas articulam a prática diaconal, esta, muitas vezes, foi percebida como atividade beneficente acrítica, que apenas teria contribuído para atenuar conflitos sociais e manter o *status quo*.²⁹

Ele argumenta que existe uma terceirização dos trabalhos diaconais que refletem a distorção da função historicamente. O papel da diaconia passou a ser o de coadjuvante, ou seja, a tarefa principal da Missão é proclamar que Jesus veio para servir e não para ser servido, e que seguir Jesus é seguir – fundamentalmente – seus passos. E mais: servir não significa servidão ou subserviência passiva e

²⁷ FIGUEIREDO, Adiel Tito de. *Diaconia ou promoção humana*. São Paulo: AELPR, 1997. p. 18.

²⁸ GAEDE NETO, 2001, p. 9.

²⁹ GAEDE NETO, 2001, p. 9.

acrítica, mas inclui o elemento profético de denúncia e anúncio da graça. Há momentos que na vida é preciso se jogar na roda, como dizia Dietrich Bonhoeffer, para parar o louco ao volante ao invés de ficar socorrendo simplesmente os feridos atropelados. Ele acrescenta:

Pelo menos mais uma associação o termo “diaconia” tem evocado: a sua identificação com a prestação de serviços por parte de instituições de caridade. Nesse caso, a família, a comunidade, enfim, a sociedade delega o cuidado por seus membros necessitados a instituições especializadas, a profissionais competentes. Essa terceirização da caridade, no espírito neoliberal, individualiza os problemas e as soluções.³⁰

Não é permitido padronizar a diaconia e adaptá-la de acordo com o interesse eclesial e social desse ou daquele grupo, pois a própria diaconia se manifesta onde há sofrimento e miséria. Jesus deixou essa herança com seus muitos exemplos de suas práticas históricas na condição de Diácono Maior (Mt 4.23; Lc 4.18). Há tempos que a diaconia tem assumido diferentes formas de atuação, dependendo dos desafios concretos e de seus motivos e objetivos as ações têm tomado formas específicas, porém, quase sempre acompanhada de um elemento assistencialista, não menos importante, mas paliativo. Exemplos interessantes de ação diaconal podem ser citados os modelos diaconais da Noruega e Finlândia, países nos quais as próprias políticas públicas têm sofrido a influência das discussões a respeito da diaconia. Na América Latina, as teologias contextuais têm destacado a importância do papel profético nas ações concretas dos grupos que partem para a elaboração de projetos que visam melhorar a vida das pessoas.

Em muitos escritos de autores sobre diaconia, constata-se que é de interesse ter a diaconia dialogando com outras ciências, além de buscar uma conceitualização como uma disciplina teológica permite realizar a mediação hermenêutica nos aportes conceituais. Isso é de grande relevância para o diálogo interdisciplinar que tem como tarefa a análise real das condições de vida em sociedade. Rodolfo Gaede Neto entende que a interdisciplinaridade é fundamental para que exista oxigenação na tarefa teórica de busca por parâmetros que balizem as mediações hermenêuticas que a teologia constantemente realiza.

Para que isto se torne possível, é necessário estabelecer o diálogo com as demais disciplinas teológicas. A Teologia Prática, que acolhe a Diaconia

³⁰ GAEDE NETO, 2001, p. 9.

como subdisciplina, não é uma disciplina independente. A interdisciplinaridade é uma de suas principais características. Está em diálogo permanente, tanto com as disciplinas das ciências sociais e humanas quanto as demais disciplinas da ciência teológica. A sua própria necessidade de fundamentação teológica coloca-a em relação direta e constante com as disciplinas bíblicas.³¹

A diaconia acontece a partir das exigências de situações, contextos e pessoas. Assim, pode-se destacar que a diaconia vivida por Jesus pode ser também a do cristão, quando se constitui na prática e na concretização da fé, do amor e no serviço comunitário.

Não é fácil uma definição da diaconia, pois existem muitas formas e diversidade na prática eclesial. Conforme Nordstokke, é possível distinguir entre três linhas de uso e três de compreensões específicas do termo “diaconia”, quais sejam:

- a) *diaconia como ação social da Igreja a partir de sua motivação cristã.* Essa compreensão sustenta o movimento diaconal da Alemanha no século XIX, e ainda possui matizes fundamentais na atual prática. Aqui a diaconia acaba por ficar restrita à área da Teologia Prática em detrimento da ética social e da responsabilidade sociopolítica da Igreja, o que incide eventualmente também sobre a poimênica. Ela pode ser apresentada como uma responsabilidade coletiva ou individual, como expressão da obediência da fé. Na tradição pietista, a conversão conduz à ação desse tipo;
- b) *diaconia como uma forma específica do ministério da Igreja.* Isso ocorre geralmente com a implementação de uma pessoa capacitada para determinada área do trabalho comunitário. Na Igreja Católica do período seguinte ao Concílio Vaticano II surgiram iniciativas para introduzir o “diaconato permanente”. Essa proposta, no entanto, é colocada dentro de uma perspectiva em que a diaconia se torna função de um ministério subordinado, e na prática continua sendo o primeiro degrau da hierarquização. Pode-se encontrar no movimento ecumênico vozes em favor do estabelecimento do diaconato como tarefa de suma importância. O ônus nesta compreensão de diaconia é situado na atuação social da Igreja em sua forma estrutural ligada à teologia do ministério ordenado. Quer dizer: hierarquização;
- c) *diaconia como princípio fundamental da Igreja.* A compreensão a respeito da diaconia nesta perspectiva reflete as implicações sistemático-teológicas como dimensão essencial da própria natureza da Igreja. A esta fundamentação eclesiológica se aliam ainda a cristológica e a escatológica. Neste esquema, a diaconia é vista como um exercício interdisciplinar, pois, além do seu desdobramento na área sistemático-histórica, existem também as elaborações das ciências bíblicas (fundamentos, exemplos, imagens e práticas a partir do AT e NT). Esta interdisciplinaridade e a ligação imprescindível com a prática social da Igreja (que exige outra forma de interdisciplinaridade, a saber, entre teologia e

³¹ GAEDE NETO, 2001, p. 33-34.

ciências sociais) favorecem, no entanto, a sistematização da diaconia dentro do âmbito própria da Teologia Prática.³²

Conforme o Novo Testamento, a diaconia não deve ser baseada na forma bem humana de servir, mas sim na forma como Jesus serviu primeiro, ou seja, Deus amou o ser humano primeiro e mandou seu Filho Jesus para servi-lo, salvá-lo e perdoá-lo. Dessa maneira, o que se pode fazer para retribuir esse amor de Deus pelo gênero humano é se ter atitudes de amor, perdão, misericórdia e serviço em favor dos menos favorecidos e excluídos da sociedade. No Novo Testamento, são muitas as menções para a importância desse serviço. A diaconia é apresentada como graça para a salvação e, conseqüentemente, remete ao serviço (Ef 2.8-9; 4.7).

Segundo, Kjell Nordstokke, a palavra usada para designar a ação de servir possui ampla aplicabilidade. Não há uma restrição quanto ao uso da palavra como algo que seja específico de uma tarefa somente, mas é ampla a forma como é usada. Não se restringe aos aspectos formais de uma tarefa prática de cuidado litúrgico ou comunitário das pessoas que necessitam de abrigo ou que estão necessitadas, mas abrange a totalidade das ações sejam elas de caráter prático ou mais contemplativo.³³

No Novo Testamento grego, a raiz *diakon*, encontra-se em forma do verbo *diakonein* (37 vezes) e dos substantivos *diakonia* (34 vezes) e *diakonos* (30 vezes). O verbo significa “servir” no sentido mais amplo (Lc 17.8; Jo 12.12). No livro de Atos (6.1) fala-se da “diaconia diária” na comunidade de Jerusalém (Almeida traduz por distribuição diária).³⁴

A função diaconal não foi aproveitada em sua força fundamental nos desdobramentos subsequentes da história da Igreja cristã. Ficou relegada ao plano secundário com o surgimento e expansão do episcopado monárquico.

Nas cartas do Novo Testamento, *diakonia* é usado como termo técnico para designar o servir na Igreja. A coleta organizada por Paulo para assistir à comunidade de Jerusalém é simplesmente chamada “a diaconia” (Rm 15.31; 2Co 8.1-6; 9.1,12-13). Igualmente é designado como “diaconia” todo desempenho para assistir ou edificar a comunidade, principalmente por parte das pessoas que assumiram liderança (1Co 16.15; 2Co 5.18-19).

³² NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In. SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática: no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE: 1998. p. 272.

³³ GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999. p. 21.

³⁴ NORDSTOKKE, 1998, p. 272.

Dentro desta linha, desenvolve-se a compreensão de diaconia como um ministério específico junto com outros (Rm 12.7; 1Co 12.5), o que por fim faz com que *diakonos* apareça como designação de um determinado tipo de liderança comunitária (Fp 1.1; 1Tm 3.8,12).³⁵

A ideia de considerar uma pessoa que realizava um trabalho prático na Comunidade de diácona aponta para um processo gradativo de deslocamento significativo da função e conseqüentemente da própria forma como se enxerga a realidade em derredor, ou seja, o deslocamento da diaconia para uma função secundária implicava na gradativa segregação da responsabilidade integral que atacava setores da Igreja cristã dos primeiros séculos. A grande importância e utilidade para uma tarefa especial, não refletindo submissão e nem inferioridade em relação aos demais ministérios, agradava pelo fato de se suprimir o elemento profético tão caro ao seguimento de Jesus. Inicialmente, considerar alguém diácono ou diácona não era comissioná-la a uma tarefa de somenos importância, mas uma forma específica de tarefa sem que isso implicasse numa estratificação da função hierarquicamente subalterna. Isso somente ocorrerá com o passar do tempo, à medida que vão se tornando hierarquizadas as relações comunitárias vão se congelando as posições segundo os interesses.

Na sociedade da Antiguidade, com freqüência essa pessoa era servo, mas nem sempre um servo inferior nem, necessariamente, um escravo. Na Bíblia grega, os ministros do Grande Rei são chamados de “diáconos” (Et 2.2). O império Romano também é descrito como “diácono” de Deus (Rm 13.4), e os apóstolos são os “diáconos” na Nova Aliança que leva à vida. Assim, a expressão “diácono” não se restringe a algum *status* social, simplesmente significa que alguém incumbiu o “diácono” de uma tarefa especial. Na palavra “diácono” não se enfatiza a inferioridade, mas sim a utilidade.³⁶

Contudo, é evidente que o termo “diácono” tenha sido escolhido para “designar lideranças na Igreja e não um dos outros termos em uso no mundo religioso contemporâneo”.³⁷ Em suas atitudes, em suas ações diaconais e em seus relacionamentos, Jesus testemunhava o serviço a Deus, o Pai, e o serviço às pessoas; de maneira especial aos mais sofridos. Kjell Nordstokke afirma:

Diaconia não implica poder cútico, tampouco privilégios ou exclusividade, mas em primeiro lugar disponibilidade para servir a comunidade toda, “com

³⁵ NORDSTOKKE, 2005, p. 274.

³⁶ REICKE, Bo. Diáconos no Novo Testamento e na Igreja Primitiva. In. NORDSTOKKE, Kejl (Org.). *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 109.

³⁷ SCHWEIZER menciona *telos*, *arch*, *time* e *leitourgia* como títulos usados por líderes ou dignitários religiosos da época. SCHWEIZER *apud* NORDSTOKKE, 2003, p. 170.

vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço (*diakonia*), para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4.12).³⁸

A Missão da Igreja possui características holísticas no que diz respeito à totalidade dos processos de discipulado. Proclamar e ensinar as coisas que Jesus deixou faz parte de um todo da Missão expressos no Grande Comissionamento (Lc 24.45-49). A Missão deve estar fincada na cotidianidade do discipulado. Sem cotidiano, isto é, sem a prática fundamentada no dia a dia da vivência das pessoas cristãs – enveidadas pelo amor e pela misericórdia – a Missão se degenera em discurso oniabrangente (metanarrativo) deslocado da realidade; torna-se utopia vazia. “Toda missão, seja a pregação, seja a diaconia, parte daquilo que a comunidade vive e celebra. Não se pode imaginar uma prática diaconal que não esteja enraizada na vivência comunitária”.³⁹

No serviço diaconal, quando se tomam as iniciativas para cuidar do próximo, acredita-se que os projetos, sejam eles de combate à miséria ou de curas físicas e espirituais, terão efeitos positivos se a própria comunidade agir e interagir em favor dos próprios excluídos. É realizar a tarefa de participação para além das necessidades existentes, é levá-los de uma posição passiva a uma posição ativa. Dessa forma, acredita-se que exista a possibilidade de fazer com que entendam que devem lutar pelos seus direitos e pela vida da Comunidade que se insere na Comunidade maior que é o entorno social e cultural. É fazer entender que “o mundo é a minha paróquia”.⁴⁰

A diaconia não pode ser uma opção lúdica ou de entretenimento da Comunidade de crentes. A diaconia deve ser o elemento galvanizador das relações cotidianas na vivência comunitária. Sem a solidariedade e a compaixão vividas nas relações microestruturais, a discursividade toma conta e esvazia a força das ações criativas.

A diaconia não pode ser considerada algo acidental na vida da comunitária, ou simplesmente como uma atividade de um grupo especialmente interessado em assuntos sociais. A identidade eclesiológica da diaconia faz

³⁸ NORDSTOKKE, 2005, p. 274.

³⁹ NORDSTOKKE, 2005, p. 274.

⁴⁰ É bem conhecida a frase de John Wesley em que ele diz: “o cristianismo é essencialmente uma religião social; e reduzi-la tão só a uma expressão solitária é destruí-la”. WESTPHAL, Euler. A ética social na teologia de John Wesley. *Vox Scripturae*, v. 7, n. 2, p. 83-97, 1997.

com que ela não possa ser igualada a ação social, mesmo que na prática possa tomar uma forma semelhante.⁴¹

O desafio da diaconia é agir a partir da realidade social na qual a Igreja está inserida, ou seja, a Igreja tem que definir suas ações de acordo com o seu contexto comunitário e de suas necessidades. Na percepção de Kjell Nordstoke, a diaconia não pode ser separada da comunidade de fé. Para Sebastião Armando Gameleira Soares, “diaconia não pode ser reduzida a um setor da ação eclesial, uma tarefa particular entre muitas. Diaconia é o próprio ser da igreja cristã. É o que caracteriza a comunidade”.⁴² Lindolfo Weingärtner argumenta que “a comunidade deve ser estruturada de tal forma que o Evangelho pode ser anunciado em sua plenitude [...] a estrutura não-diacônica da comunidade implica o obscurecimento do próprio Evangelho”.⁴³

Para Rodolfo Gaede Neto, a dimensão comunitária da diaconia é, sem dúvida, também uma reivindicação que se pode ouvir desde um espectro mais amplo da literatura teológica latino-americana. Ela é uma reação à ideologia da individualização, presente, hoje mais que nunca, na sociedade globalizada. A comunidade de fé se tornou uma forma concreta de ação coletiva capaz de propor alternativas a esta sociedade.

É óbvio que o contexto brasileiro exige outro modelo de atuação eclesial do que aquele que foge do compromisso com a realidade. A igreja que se limita a “assuntos espirituais” vai ser alienada da realidade da maioria do povo brasileiro. Em última análise, o próprio fundamento da fé vai questionar tal forma de reducionismo eclesial.⁴⁴

A diaconia continua sendo uma dimensão indispensável da fé cristã e que, em seu nível mais profundo, seu propósito é transformar a realidade que a cerca. A diaconia, nesta perspectiva, é aquela dimensão do amor evangélico que se recusa a aceitar a realidade como está e visa transformá-la. “Transformadora” é, por conseguinte, um adjetivo que descreve uma característica essencial do que significa solidariedade cristã.

⁴¹ NORDSTOKKE, 2005. p. 274.

⁴² SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. In: *Ação diaconal: uma reflexão no contexto nordestino*. Recife: Diaconia, 2000. p. 278.

⁴³ WEINGÄRTNER, Lindolfo. A estrutura diacônica da comunidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 4, n. 1, 1964, p. 24-28.

⁴⁴ NORDSTOKKE, 2005, p. 277.

Dizer que a Igreja é diaconal por natureza não implica triunfalismo nem ativismo. Esta afirmação em primeiro lugar é cristocêntrica, pois anuncia o novo ser trazido e operado por Ele e nele. Mas declara também a necessidade de lutar para realizar aquilo que a Igreja já é, não a partir dum voluntarismo esbanjador, mas sob a palavra do Senhor, “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13).⁴⁵

Desde o Antigo Testamento, a diaconia assumiu formas diferentes, mas sempre quis expressar a mesma identidade e o mesmo objetivo, ou seja, defender a vida, o povo desamparado e oprimido. Segundo Kjell Nordstokke,

observamos que na Bíblia sempre há uma íntima relação entre o servir a Deus e o servir ao próximo (veja, p. ex., no Antigo Testamento encontramos em: Dt 10.12-19; 1Cr 16.1-6; Is 1.10-17; no Novo Testamento: At 6.1-6; Hb 13.15-16; Tg 1.27). Em nossa liturgia hoje há pelo menos três momentos que expressam uma clara identidade diaconal. O primeiro é o *Kyrie Eleison*, o clamor do povo oprimido e desamparado. Este grito parte da realidade social e marca o direito de presença no culto dos excluídos e necessitados. [...]. O segundo é o momento de intercessão em que a comunidade ora em prol dos necessitados. Em muitos lugares há a prática de que toda comunidade é convidada a mencionar pessoas a serem lembradas ou inclusive formular uma oração espontânea. [...]. O terceiro e sem dúvida o mais importante momento, é a celebração da Santa Ceia. Há muitos textos no NT que mostram que a Ceia não é compreendida como um evento estritamente cerimonial, mas tem também profundas implicações sociais.⁴⁶

O objetivo principal da diaconia nas igrejas, além de se preocupar com o meio ambiente e o planeta como um todo, deve ser as pessoas entendidas como seres integrais que possuem necessidades e carências. O papel das igrejas, através de ações diaconais, é contribuir para que a vida digna ao ser humano seja tornada possível através das ações coletivas da sociedade e do Estado, porém sem desrespeitar a natureza e toda a criação. A Igreja, através da diaconia, é desafiada a amar e servir através da organização coletiva. O amor e o serviço caminham juntos para transformar situações de derrotas em vitórias e situações de morte em vida.

Cabe repensar teologicamente a relação entre pregação e diaconia, como também, diaconia e missão; principalmente no que diz respeito à prática da Igreja. Entretanto, ocorre facilmente uma ruptura entre as duas, o que pode resultar numa missão proselitista ou numa diaconia secularizada sem a proclamação do Evangelho.

⁴⁵ BACH, Ulrich. “Mas sob tua palavra”: em favor de uma Igreja diacônica. *Concilium*, v. 218, n. 4, p.131-139, 1988. p. 135.

⁴⁶ NORDSTOKKE, 1998, p. 286.

As ações são fundamentais e não podem estar deslocadas da proclamação da Palavra de Deus. São articulações que se interpenetram e que se complementam; não são excludentes uma da outra, diferentes em alguns momentos do processo, mas nunca dissociadas. Cada uma tem sua própria finalidade e não pode ser definida exclusivamente a partir da outra, e menos ainda substituída pela outra. A ação da Igreja possui caráter quenótico, ou seja, a ação – em muitos momentos – pode vir desacompanhada da proclamação. No entanto, isso se dá por causa da gratuidade da graça divina; não tem a Igreja que exigir qualquer coisa em troca de sua ação, a diaconia é justamente a efetivação da graça substancializada na ação da Comunidade de fé, isto é, a positivação do amor gratuito sem esperar nada em troca. É o que Helio Teixeira articula a respeito do elemento *staurótico* (cruz) ou seja, a partir da Teologia da Cruz de Lutero a diaconia perde seu caráter de justificação por si mesma, o caráter de obra justificante que garante a salvação pelos próprios esforços.

A diaconia como um saber que pretende à ação social em relação a este mundo – o mundo da transitoriedade e da morte – mas este sendo entendido como pecado, e não o mundo físico da matéria, como lugar de atuação da *carne*. Melhor dizendo: da carne são todas aquelas atividades que intentam dispor à mão humana a segurança através do visível e tangível. A diaconia é a ação orientada numa vida de fé autêntica do ser humano vivida a partir do que é invisível, a saber, na relação de renúncia a todo saber não procedente da graça de Deus. *Quenose!* É a atitude de esvaziamento tornada possibilidade na graça da fé – que é indisponível, que não está *aí* para o ser humano – e que *presentifica-se* no perdão dos pecados.⁴⁷

Na cruz, estão suspensas todas as certezas meritórias do ser humano. Ninguém pode se gabar de obter pelos próprios méritos a salvação, principalmente se for através de obras diaconais, quer dizer, ações em nome de Deus. Bultmann afirma:

Não existe nenhuma diferença entre a segurança baseada nas boas obras e a segurança construída sobre o conhecimento objetivante. O ser humano que deseja crer em Deus deve saber que, por assim dizer, se encontra pendurado no vazio. Quem abandonar toda forma de segurança encontrará

⁴⁷ TEIXEIRA, Helio Aparecido. *Diálogos sobre a Relevância Social da Associação Benéfica Floresta Imperial – ABEFI: a publicidade cívica da diaconia*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010. p. 63.

a verdadeira segurança. Diante de Deus, o ser humano tem sempre as mãos vazias.⁴⁸

A fé coaduna a ação e a prática, mas a fé baseada na graça e no mérito de Jesus, e Jesus crucificado. A certeza baseada em elementos que estão dispostos para o ser humano e que garantem a segurança fora da fé é carne. Bultmann diz que esta é justamente a esfera de domínio da carne.⁴⁹ A diaconia recebida das gerações passadas foi base para transformações profundas na existência da vida comunitária dos grupos que receberam ou mesmo foram forçados a aceitar o cristianismo. Não nos interessa discutir aqui esses aspectos da cristianização, interessa fazer somente a observação de que a dádiva da salvação vivenciada na Comunidade – das pessoas que seguiram Jesus – estava fundamentada na comunhão e na solidariedade. Cabe às igrejas administrarem responsavelmente esta herança, inclusive no sentido de avaliar se os modelos teóricos e práticos de diaconia que têm sido abordados nas últimas décadas são eficazes dentro da realidade e contexto específico da América Latina.

Sendo assim, diaconia é o serviço realizado pelas pessoas que seguem a Jesus Cristo, na perspectiva do discipulado da *via crucis*, sendo, por isso, uma atitude de fé. É o serviço realizado em favor das pessoas colocadas em situação de sofrimento, em consequência do exercício do poder opressivo de muitas pessoas sobre outras. [...] É o serviço com uma clara dimensão comunitária, visando ações coletivas e participativas, visando à comunhão e à partilha, visando o Reino de Deus, na esperança de sua realização definitiva na forma de *novos céus e nova terra nos quais habita justiça* (2Pe 3.13).⁵⁰

1.7 A prática diaconal e a diaconia de Jesus

A diaconia tem na prática de Jesus seu modelo paradigmático. As ações evangélicas que retratam Jesus atuando segundo sua sensibilidade mostram que ele era visitador e hospitaleiro. Segundo Nordstokke,

a diaconia da Igreja Antiga caracteriza-se por dois movimentos que partem de sua identidade cristológica: o primeiro é a *visitação*, a disponibilidade de ir ao encontro da pessoa necessitada ou excluída. O outro é a

⁴⁸ BULTMANN, 1999.

⁴⁹ Bultmann argumenta que carne é a esfera do pecado como loucura de não receber a vida como dádiva do criador, mas dispor dela pelas próprias capacidades. BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 291.

⁵⁰ GAEDE NETO, 2001, p. 187.

hospitalidade, que implica receber essa mesma pessoa e incluí-la no ambiente próprio mais importante, principalmente na comunhão da mesa.⁵¹

A forma como Jesus é representado indica que sua maneira de lidar com as pessoas estava profundamente relacionada ao dia a dia. Ir ao encontro dos excluídos era uma prática do dia a dia de Jesus. Sem esse cotidiano de encontro com os excluídos, a mensagem de Jesus fica obscurecida pela racionalidade que busca encontrar sempre a partir de elementos racionais e científicos a veracidade dos fatos. A sensibilidade só é possível quando se compartilha do mundo de sentido de quem se encontra em situação que sensibiliza, a pessoa que se sente sensibilizada só pode ficar assim se aquela situação a tocar pessoalmente. Assim parece ser que Jesus fosse alguém que sentia aquilo que tocava especificamente as pessoas em situação de penúria, doença, prisão, etc. Nordstokke aponta para a característica comensal de Jesus. Ele afirma:

Outro traço fundamental na interpretação da ação messiânica de Jesus é o seu convite à comunhão de mesa. A sua hospitalidade para com os excluídos foi considerada escandalosa (Lc 5.29-32; 7.36-50); ele, porém, declarou essa prática como sendo exemplar do reino de Deus, pois para este são convidados “os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos” (Lc 14.21).⁵²

Jesus buscava se aproximar das pessoas, interagia, curava, entrava em suas casas, conversava com elas nas ruas, estradas e vilas, recebia crianças, falava com mulheres, interpelava as pessoas samaritanas, doutores da Lei, etc. A partir estas colocações, Nordstokke avalia a diaconia além de uma expressão amorosa com o próximo, uma antecipação e aproximação do Reino de Deus. A hospitalidade é ressaltada como tradição diaconal que já servira um dia a anjos.

É nessa perspectiva que deve ser lido o envio dos setenta (Mc 6.7-13), e ela vale também para as admoestações à hospitalidade (Rm 12.13; Hb 13.2; 1Pe 4.9). A Diácona Febe é louvada por ser “protetora de muitos” (Rm 16.2), uma expressão que provavelmente exalta a sua hospitalidade. Dessa forma, liderança comunitária exigia hospitalidade (1Tm 3.2; 5.10), de uma forma marcada pela identidade cristã, lembrando a prática de Jesus e as suas palavras.⁵³

Também hoje a visitação e a hospitalidade constituem os eixos fundamentais da prática diaconal. As prisões são lugares nos quais a visitação tem

⁵¹ NORDSTOKKE, 1998, p. 279.

⁵² NORDSTOKKE, 1998, p. 279.

⁵³ NORDSTOKKE, 1998, p. 279.

um valor terapêutico fundamental. Além dos aspectos sociais de dignidade humana no tratamento com as pessoas prisioneiras do Estado, há ainda o elemento subjetivo do perdão; quem está preso sabe que se não houver um elemento de perdão, junto ao fato do processo de visitação, as pessoas não estariam l  naquele lugar tentando conhecer e entender a realidade das pessoas que um dia cometeram crimes.

A terminologia diaconal   empregada apenas no texto das obras de caridade (Mt 25.31-46). Isto facilita uma conexão direta com o tema da diaconia: dar de comer a pessoas famintas, dar de beber a pessoas sedentas, vestir pessoas nuas, acolher pessoas forasteiras, visitar pessoas doentes e presas são obras consideradas *diaconais* no texto grego original. Trata-se de uma rela o de obras caritativas assimilada da tradi o judaica e assumida pelas primeiras comunidades cristãs como ensinamento de Jesus.⁵⁴

Jesus não apenas ensina, mas vive até as últimas consequências a verdade da diaconia que   o servir. Necessário   ter Jesus como diácono que vai às últimas consequências em sua op o pelas pessoas que necessitam de sua graça e amor. Sua atua o se identificava com a tradi o profética do “servo sofredor” que aceita tomar sobre si a incumbência do martírio em favor do “outro”. Nordstokke declara:

Os evangelhos nos apresentam Jesus como aquele que “veio, não para ser servido, mas para servir (*diakonein*) e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). A diaconia com serviço de amor ao próximo está voltada para as necessidades concretas das pessoas. Tanto aqui como também em outros textos há indica es de que Jesus entendeu o seu ministério   luz dos cânticos sobre o Servo de Javé em Isaías (Is 42.1ss; 49; 50.13ss). Principalmente durante a sua última viagem a Jerusalém, a imagem do Servo Sofredor do Senhor parece ter sido uma chave para a interpreta o que Jesus deu à sua vida e ao seu ministério (Mc 8.31; 9.31; 10.32-34).⁵⁵

Nos últimos anos, no Brasil, têm sido presenciados “grandes cultos” litúrgicos de grandes pregadores aparecendo na televisão, geralmente desenvolvendo práticas de cura publicitária e massiva. Muitos desses expectadores cristãos, atualmente, assistem a um programa religioso sem experiência de proximidade, nem de comunhão, nem de convivência e nem de compromisso, pois, normalmente, a ênfase desses programas são as doa es financeiras para manter o programa no ar. Não se fala em compromisso se não aquele em se tornar um “associado” contribuinte   Missão de Deus levada a cabo por aquele grupo

⁵⁴ GAEDE NETO, 2001, p. 85.

⁵⁵ NORDSTOKKE, 2005, p. 274.

denominacional que gasta milhares e milhares de reais simplesmente para estar na TV. Muito seria feito em obras diaconais com todo esse valor gasto anualmente.

Na parábola do bom samaritano (Lc 10.25-37), o tema central é para que o amor seja praticado e a valorização da vida efetivada em suas consequências reais. Não se toca na questão de seguimento de uma religião, mas se faz e recebe imerecidamente a ação de misericórdia da pessoa que ao passar se sensibilizou. Isso exige tempo e dedicação.

O interesse de Jesus nessa ênfase descrita como intenção de dizer que *tornar-se* próximo de alguém implica investimento, em termos de tempo, dedicação, sacrifício material, dinheiro em favor daquela causa pela qual optamos por trabalhar. Verdade é que o samaritano entendeu dever materializar também financeiramente o seu amor ao próximo.⁵⁶

A ligação do texto do bom samaritano com a diaconia se faz através do tema do amor ao próximo. Em Lc 10.25-37, a narrativa da ação caritativa do samaritano é desenvolvida a partir da pergunta do intérprete da lei: “quem é o meu próximo?”. A análise do texto mostra que a tarefa de redefinir o “próximo” hoje necessariamente encaminha à relação do texto com a compreensão de diaconia nos Evangelhos. Estas narrativas são tradicionalmente utilizadas para fundamentar a prática diaconal.

Rodolfo Gaede Neto ressalta que vale lembrar que Mc 10.35-45 está inserido no contexto das narrativas que descrevem a *caminhada de Jesus*, juntamente com as pessoas que o seguiam, rumo a Jerusalém (Mc 8.27-10.25). Essa seção trata do tema “do verdadeiro discipulado”⁵⁷ ou do “desafio para o seguimento da cruz”.⁵⁸ Ele argumenta:

Nesse percurso Jesus anunciou, em três oportunidades, a sua paixão e a sua morte (8.31ss; 9.30ss; 10.32ss); após cada anúncio, ouviu a reação de incompreensão dos discípulos (8.32s; 9.32; 10.33s): segue por isso, a cada bloco de anúncio-incompreensão um ciclo de ensinamentos de Jesus aos seus discípulos, com a finalidade de esclarecer-lhes a natureza do verdadeiro discipulado (8.34-38; 9.33-37; 10.42-45).⁵⁹

A perspectiva da cruz é a base para a formulação de uma nova ordem de Jesus para a comunidade de suas seguidoras e seus seguidores: “quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva” (Mc 10.43). Dessa forma, a

⁵⁶ GAEDE NETO, 2001, p. 101.

⁵⁷ GAEDE NETO, 2001, p. 46-47.

⁵⁸ GAEDE NETO, 2001, p. 47.

⁵⁹ GAEDE NETO, 2001, p. 47.

diaconia se define como sendo a renúncia ao poder exercido sobre as pessoas, como negação desse poder. Ela é a confissão do poder único de Deus. É a manifestação da obediência unicamente à vontade de Deus. Por isso, a diaconia nega a hierarquia e afirma o poder-serviço.

Entende-se que o papel missionário diaconal das igrejas vai além da ajuda com bens materiais ou relacionamentos sociais formais na igreja; é uma ação que busca libertar o oprimido e levar a pessoa a um lugar em que possa viver a vida de liberdade, de abundância e graça de Deus. Por isso, as igrejas precisam se preparar e ir lá onde a necessidade está, contribuindo para a transformação social.

Tem-se em Jesus o maior exemplo de diácono que faz missão. Jesus é descrito no grego koiné como servo, donde a palavra diácono é empregada a ele muito mais do que pastor. Ele cuidou das necessidades físicas, emocionais e espirituais do povo. Após esse cuidado, a pessoa – quase sempre – entendia a mensagem do Evangelho. É imperativo que as igrejas tenham em Jesus o exemplo no cuidado do ser humano, quer dizer: que as igrejas sigam a Jesus. Significa isso servir mais do que ser servido. Para tanto, tem que se conhecer o ponto de partida, planejar as ações, enxergar o próximo como semelhante, estabelecer relacionamentos afetivos, interagir e conhecer a história de vida do outro.

A missão diaconal de Jesus aconteceu a partir do seu olhar para as pessoas. Jesus percebia as necessidades físicas, emocionais e espirituais delas. Não julgou nem condenou o valor em relação à pessoa, mas se preocupava com os anseios da pessoa. Seu alvo era a transformação: a vida abundante para todas as pessoas. Jesus deu o exemplo de que para concretizar o Reino de Deus é preciso ter os olhos na realidade e nas pessoas que são encontradas no dia a dia, pois só assim se pode contribuir para que o Evangelho chegue até a outra pessoa de uma forma que ela entenda. O entendimento passa pela ação de amor.

Em seguida, propõem-se a apresentação de uma comunidade de periferia, em qual a oportunidade – como cidadãos cristãos e cristãs e como igreja – tem sido possibilitado colocar em prática todos os ensinamentos de Jesus em relação ao trabalho de *amor staurótico* e voluntário que se baseia na diaconia de Jesus.

2 A COMUNIDADE DO BICO DO URUBU

2.1 Uma breve apresentação

Antes de relatar sobre a “Comunidade” do Bico do Urubu, faz-se necessário expor alguns fatos para que depois se possa entender a relação do autor deste trabalho com a comunidade, relevante pelo fato de que a motivação existencial para o trabalho elaborado se fundamenta na produção de sentido que a prática diaconal, que em grande parte do tempo, tem sido realizada alijada da reflexão teórica. Por isso, a busca por elementos mais refletidos se finca na própria busca por entendimento.

O autor foi membro de uma comunidade cristã protestante de viés evangélico com elementos pentecostais durante sete anos, de 2000 a 2007; e, enquanto membro dessa comunidade, assumiu responsabilidades que o tornaram diácono. Após cinco anos exercendo a função de diácono, pediu desligamento por não compactuar com a ausência de investimentos da Igreja na área social.

Em 2002, foram iniciados os estudos de teologia na Faculdade Teológica Unida (FTU), em Vitória/ES. A Faculdade localiza-se a 50 km de Guarapari, onde o autor possui residência. O período de estudos foi longo e a caminhada estudantil era árdua, pois é o autor empresário e o trabalho exigia desdobramentos, muitas vezes, onerosos e difíceis, sem contar que o deslocamento de Guarapari para a capital, Vitória, era muito cansativo.

Em seguida à formação, a Faculdade Unida fez, em 2007, uma parceria com a Faculdade EST, de São Leopoldo/RS, para a integralização de currículo do curso livre de Teologia com vistas ao reconhecimento do Ministério da Educação (MEC).

2.2 Conhecendo Guarapari/ES

É interessante mencionarmos informações sobre a cidade de Guarapari, pois algumas delas, em relação a sua história e crescimento, estão relacionadas com o surgimento da Comunidade do Bico do Urubu, conforme se verificará a seguir.

A cidade de Guarapari, no Estado do Espírito Santo, é conhecida mundialmente por suas belas praias que são frequentadas por turistas de todo o

mundo. A praia da “Areia Preta”, no centro da cidade, contém um tipo de areia escura e radioativa, que foi explorada por países da Europa e América do Norte.

As areias monazíticas de Guarapari foram descobertas em 1898 e, em 1906, a “SOCIÉTÉ MINIÈRE ET INDUSTRIELLE FRANCO-BRASILIENSE” instalou em Guarapari a usina “MIBRA - Monazita Ilmenita do Brasil” para fazer o beneficiamento destas areias, exportando o produto a ser tratado na França. A MIBRA era administrada pelo superintendente Borisw Davidovitch, cidadão russo naturalizado americano. O teor de areia monazítica das praias é variado, indo de sua ausência à percentagem de 60% ou até mais. Quando presente, elas se concentram em manchas de aspecto característico, variável de extensão e profundidade, como é fácil observar principalmente na praia da Areia Preta, onde as ondas do mar deixam a sua paisagem marcada por pequenas linhas amarelas, característica da monazítica. A Zirconita, de cor cinza, não sofre atração magnética. Tem uma extensiva e diversificada gama de aplicações, sendo utilizada na indústria ótica e de vidro, na indústria química e metalúrgica, esmalte porcelanizado, louças de primeira qualidade, cerâmica sanitárias, etc. Contém “mesotônio 1” e é encontrado nas áreas monazíticas.⁶⁰

Quanto ao uso deste mineral como recurso terapêutico, os estudos dizem o seguinte:

Tem emprego terapêutico devido à penetração de seus raios de gama. O termo monazita provém do grego - monazein, que quer dizer 'estar solitário', o que indica sua raridade. Estas areias são indicadas para os casos de reumatismo articular e muscular, de artrite deformante e de diferentes etiologias, de nevralgias, mialgias e enfermidades muscular, alergias, sistema nervoso, gota, anemia, nervosismo de insônia, inapetência e perturbação digestiva.⁶¹

Na década de 1980, Guarapari, além de seu grande potencial turístico e belas praias, viveu um grande crescimento na construção civil, acarretando grande carência de mão de obra no setor. Devido a esses fatores, tem-se, anualmente, um grande contingente de migrantes na cidade, oriundos de outros Estados, em busca de trabalho. Nesse período de migração, além da Prefeitura Municipal conceder áreas para serem habitadas por esses migrantes, muitas foram invadidas, contribuindo para a formação e o crescimento desordenado de moradias à margem na cidade.

Verificando que a maioria das famílias são migrantes, sendo a maior parte naturais dos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e do interior do estado do Espírito Santo e que 65% residem no município de Guarapari a mais de 10 anos. Este processo de migração no município de Guarapari

⁶⁰ AREIAS MONAZÍTICAS - Guarapari - Espírito Santo. Disponível em: <http://www.guaraparivirtual.com.br/areia_m.as>. Acesso em: 23 jun. 2010.

⁶¹ AREIAS MONAZÍTICAS - Guarapari - Espírito Santo. Disponível em: <http://www.guaraparivirtual.com.br/areia_m.asp>. Acesso em: 15 mar. 2010.

pode estar associado ao potencial turístico que atrai anualmente um expressivo contingente de migrantes.⁶²

2.3 O Bairro “Lameirão”

Durante o período acadêmico, na integralização de currículo do curso livre de Teologia, o autor conheceu um pastor de uma igreja cristã do bairro Meaípe, em Guarapari, que também iniciara o curso. Em função disso, e para diminuir despesas, ambos viajavam juntos para a Faculdade na cidade de Vitória. Numa oportunidade, conversaram a respeito da vocação do autor como diácono e de seu desligamento da comunidade em que congregara por 7 anos, e o pastor no intuito de ajudar a mantê-lo ativo na função diaconal e na iminência de concluir uma faculdade de Teologia, convidou-o para conhecer o bairro Lameirão, onde ele mantinha uma congregação cristã com um número aproximado de 15 a 20 membros, constituída de moradores do próprio bairro. Sendo assim, o autor começou a se envolver ativamente nas atividades da congregação.

O bairro Lameirão fica localizado ao sul da cidade de Guarapari e é cercado por uma grande área de preservação ambiental, constituída de manguezais. Seria uma linda paisagem a ser apreciada se o bairro não fosse, durante muitos anos, o local onde todo o lixo da cidade era depositado, além de os esgotos ainda sem tratamento serem lançados diretamente para dentro dos manguezais.⁶³

Em 2003, foi fundada, naquele bairro, uma entidade chamada Associação Ebenézer de Assistência Social – Resgatando Vidas, na qual são atualmente “assistidas” e “mantidas” 80 crianças entre 3 e 8 anos de idade. A associação funciona como uma pré-escola, e seu funcionamento é das 12h às 16h. Nesse período, são servidas duas refeições para as crianças. Os serviços prestados por professoras, serventes e zeladores são voluntários e as despesas com alimentação e materiais diversos são assumidas pela Igreja, que também recebe doações de alguns pequenos comerciantes e de alguns mantenedores informais. É necessário mencionar essas informações sobre a congregação e a associação, pois estão

⁶² Política Nacional de Assistência Social (PNAS), através de uma pesquisa socioeconômica realizada em outubro de 2009, pela Secretaria Municipal do Trabalho Assistência e Cidadania, encomendada pela Prefeitura Municipal de Guarapari e realizada pela assistente social Francielle Lima Corrêia, CRESS 3508 - 17ª Região/ES. Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/index.php>>. Acesso em: 23 maio 2010.

⁶³ Anexo A.

ligadas diretamente a algumas iniciativas que foram colocadas em prática na Comunidade do Bico do Urubu.⁶⁴

O autor ficou surpreso com a estrutura de ação social organizada naquela Comunidade, pois não imaginava que hovesse em Guarapari, principalmente no bairro Lameirão, um trabalho social mantido e administrado por uma igreja cristã de corte neopentecostal que, via de regra, opta quase sempre por trabalhos de proselitismo dissociados de ações *stauróticas*. Tratava-se de um trabalho diaconal missionário inserido em uma comunidade periférica em qual a pobreza imperava. O autor pôde verificar ao longo da pesquisa que muitos outros trabalhos são desenvolvidos nesta área; uns por pura estratégia proselitista, outros por tradição recebida, mas sem reflexão, e outros por compreensão correta do sentido que seja a diaconia, ou seja, amor gratuito substantivado em ações de ajuda ao próximo que possibilite inserção crítica na realidade mais abrangente. Leonardo Boff faz uma importante afirmação sobre essa aproximação e inserção da igreja com os pobres:

A opção preferencial pelos pobres e contra a pobreza fez com que muitas comunidades religiosas se implantassem nos meios pobres e marginais nas periferias das cidades ou interior, nas florestas amazônica e no sertão. Não apenas se solidarizaram com as angústias e esperanças, lutas e práticas populares, mas se identificaram com os pobres, vivendo suas formas de vida e participando de suas organizações. Foi nesse campo que a vida religiosa mostrou melhor sua capacidade de libertação e de pedagogia libertadora. [...] Igreja que possui uma missão profética para todos os cristãos, no sentido de se comprometerem com os pobres, com a justiça e com a construção de uma sociedade mais simétrica e ecológica.⁶⁵

A diaconia se pauta pela análise criteriosa, segundo determinados autores, como Boff, da realidade e não somente busca entender a realidade, mas transformá-la. Nesta análise da realidade e da própria Bíblia, encontra-se a mediação de atualização da mensagem de Jesus expressa na formatação das ações de Jesus para a realidade contemporânea dos cristãos e cristãs.

E a missão primordial da igreja e da vida consagrada é atualizar a mensagem libertadora de Jesus Cristo, especialmente para os mais marginalizados de nossa sociedade, fazendo com que o reino futuro de justiça, de amor, de paz e de preservação de todo criado encontre já agora na história uma antecipação mais forte e densa.⁶⁶

⁶⁴ Anexo B.

⁶⁵ BOFF, Leonardo. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus, 2002. p. 107.

⁶⁶ BOFF, 2002, p. 108.

Pessoas simples com suas limitações e dificuldades, dedicando-se à ajuda a outras pessoas, deveria ser esse o papel das igrejas na sociedade. Resgatar a espiritualidade cristã, comprometer-se com a piedade e com a misericórdia, ser voz profética na luta pelos direitos dos menos favorecidos, essas são as marcas da diaconia vivenciada na cruz. São trabalhos que resgatam o trabalho diaconal, missionário e voluntário.

É preciso resgatar a missão integral da igreja. No Brasil, onde boa parcela da população vive abaixo da linha da pobreza, país que apresenta toda uma gama de idiosincrasias, o povo precisa da salvação, mas também do pão. Num país marcado pela corrupção e injustiça, ainda são poucas as vozes de cristãos que se pronunciam contra esse estado de coisas. Que Igreja é essa que procura hierarquizar-se, buscando títulos de apóstolos e bispos para seus pastores e líderes, mas que menospreza mostrar o rosto de servos de uns para outros e do verdadeiro sacerdócio universal? Que Igreja é essa que demonstra tanto vigor espiritual, mas que parece colocar o objetivo final no império pessoal e não na manifestação da glória de Deus entre todos os povos?⁶⁷

Padilha também dá uma grande contribuição sobre missões em um âmbito mundial, ele propõe uma unidade entre as igrejas com uma visão missionária comum entre elas.

Em seu esforço para fomentar um mútuo dar e receber entre as igrejas, nada será tão efetivo como conseguir que alguns cristãos de outras nações venham e interpretem, para o bem de seus colaboradores do outro lado do mundo, as necessidades e lutas de suas próprias igrejas. [...] Chegou o momento de encontrar maneiras de reduzir a distância entre as igrejas no Ocidente e no Terceito Mundo. Já há experiências úteis que estão sendo levadas a cabo com este propósito, ma é necessário fazer muito mais para desenvolver modelos de solidariedade acima das barreiras políticas, econômicas, sociais e culturais, e para estimular a colaboração mútua entre as igrejas.⁶⁸

Este desejo também é compartilhado e idealizado pela Comunidade de Lameirão, pois se imagina que algumas igrejas, com trabalhos missionários e diaconais, possam direcionar forças e energias às comunidades carentes existentes nas regiões de atuação. A realização de algum projeto, através da união de duas ou mais igrejas, certamente seria um grande passo para novas alianças, seja com novas igrejas ou com o Poder Público e Privado, em que a visão comum seria o auxílio à população menos favorecida e excluída.

⁶⁷ ANDRADE, Sérgio. *Missão e Diaconia: Serviço de Evangelização para a América Latina (SEPAL)*. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=1896>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

⁶⁸ PADILHA, 2005, p. 149.

Entende-se que o trabalho voluntário não é para substituir ações que são de responsabilidades do Poder Público e nem o trabalho remunerado, mas é útil à sociedade a soma de forças na superação das dificuldades. Contribuir com o desenvolvimento social e amenizar as desigualdades sociais é tarefa do Estado, mas o Estado necessita da contribuição da sociedade civil. No caso da Associação Ebenézer, na ausência do Poder Público em relação a escola, o trabalho voluntário pode oferecer a pré-escola, o reforço escolar, levar teatro, contar história, montar biblioteca, participar do conselho de escola, grupos musicais entre outros.

O trabalho voluntariado é indício de uma sociedade participativa e interessada nos caminhos a serem seguidos pelas políticas públicas. Márcia Paixão, em seu artigo *Uma reflexão sobre o voluntariado*, argumenta o seguinte:

Na atualidade, encontramos muitas pessoas que necessitam de ajuda, dos mais variados tipos de ajuda, de cuidado. Ser para os outros - poder cuidar - implica uma postura de denúncia das estruturas que impossibilitam a indignidade humana e a justiça. É um envolvimento profundo com o outro, tendo em seu horizonte o objetivo da sua emancipação: que a pessoa consiga andar por ai própria. Nesse sentido voluntariar-se é comprometer-se com a mudança das estruturas que causam a exclusão.⁶⁹

A autora chama a atenção para o fato concernente às motivações que levam as pessoas ao trabalho voluntário. Esse trabalho voluntário necessita estar embasado nos pressupostos evangélicos da ética que emoldura o fazer teológico na prática diaconal.

O exercício do trabalho voluntário, que se baseia no amor de Deus, terá uma atuação na sociedade pautada na ética cristã. Para isso acontecer, é necessário que a pessoa que deseja cuidar do outro tenha um preparo. Este preparo tem a ver com o conhecer as motivações que levam uma pessoa a ser voluntária a um determinado trabalho, o que ela sabe fazer, qual seu tempo disponível, como enxerga a outra pessoa, se está disposto a contribuir na transformação social. [...] Esta é a função profética da pessoa voluntária: ela está vinculada o sujeito necessitado e envolve-se para que a mudança estrutural também aconteça.⁷⁰

A realidade é o chão do trabalho voluntário diaconal. Não se trata de uma mera redundância, pois diaconal já deveria ser por si uma experiência voluntária. Significa que por voluntariado se entende que exista uma prática ampla e fundamentada de trabalho voluntariado no país. Aproveitar o contexto para realizar a

⁶⁹ PAIXÃO, Márcia. Uma reflexão sobre o voluntariado. In: GAEDE NETO, Rodolfo (Org.). *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 153.

⁷⁰ PAIXÃO, 2004, p. 153.

diaconia é entender a práxis que indica a estratégia como meio razoável de articulação da teoria.

A igreja de Jesus tem muito por fazer. As comunidades têm diante de si o desafio de diaconar a partir da realidade social na qual a igreja está inserida. [...] Bíblia, diaconia e voluntariado são três dimensões possíveis para sonhar e fazer um mundo onde habitam a paz e a justiça.⁷¹

2.4 Bico do Urubu

2.4.1 Localização

Pode “soar” estranho esse nome, “Bico do Urubu”, mas se trata do nome de uma pequena comunidade, onde residem, atualmente, 75 famílias, e é localizada no bairro Lameirão.⁷² Após o crescimento na construção civil em Guarapari, no final dos anos 90, ocorreu um período de recessão e conseqüentemente um grande índice de demissões. Como eram trabalhadores, em sua grande maioria, sem nenhuma escolaridade, houve a necessidade da busca de opções alternativas de trabalho para o próprio sustento. Boa parte dessas pessoas tornaram-se vendedores ambulantes, outros passaram a viver de biscates e muitos da coleta do lixo. Pelo fato de que o bairro Lameirão, durante muitos anos, ter sido “depósito” de todo lixo recolhido da cidade de Guarapari e de municípios vizinhos, muitas famílias que viviam da coleta de lixo começaram a invadir e construir “barracos” em locais próximos, contribuindo, então, para a formação da comunidade do “Bico do Urubu.”⁷³

2.4.2 Origem do nome

Realmente é um nome muito incomum e que, para alguns, desperta curiosidade e estranheza ao mesmo tempo. Uma primeira versão para a origem desse nome, segundo um dos mais antigos moradores da comunidade, é a de que, no meio de todo lixo, havia muitos restos de animais mortos e, por isso, muitos urubus sobrevoavam o local com partes desses animais no bico. Isso chamava atenção das pessoas que, de forma irônica, falavam umas para as outras: “veja o que tem no bico do urubu” ou “o que é aquilo no bico do urubu?”. Porém, existe uma segunda versão para o nome mais consistente, pois segundo outros moradores, o

⁷¹ PAIXÃO, 2004, p. 153.

⁷² Anexo C.

⁷³ Anexo D.

nome “Bico do Urubu” se originou por dois motivos: o primeiro foi devido à presença de uma grande quantidade dessas aves no local, os urubus, que sobrevoavam a área devido ao forte mau-cheiro do lixo e, em segundo lugar, devido à sua topografia e posicionamento, pois, devido às invasões, foi aberta uma rua que vai se afunilando formando uma rua sem saída em forma de um bico. Assim surgiu o nome da Comunidade “Bico do Urubu” que serve de referência concreta para a elaboração de uma reflexão que busque se orientar na prática de Jesus.

2.4.3 Aproximação à Comunidade

A realidade da comunidade ali constituída é de muita pobreza e dificuldades devido aos processos de segregação das políticas mais visíveis de estruturação do esgoto, de escolas, de policiamento, de calçamento, etc. A convivência com condições subumanas é diária por parte dos moradores daquela região da cidade.

Frequentando a congregação cristã no Lameirão, é possível conhecer muitas pessoas que se dedicam a ajudar no melhoramento das condições de moradia naquele lugar. Na comunidade, estas pessoas são vistas como representantes ou mesmo lideranças. As demais pessoas têm grande respeito e carinho por elas devido a seu carisma e disposição em ajudar a todos. O autor se imiscuiu na Comunidade aos poucos, foi bem devagar estreitando as relações e fortalecendo a confiança, a aproximação à comunidade foi sempre feita com essas lideranças locais, essa situação se dá porque é comum o oportunismo de pessoas que visam tirar proveito das condições daquela população. A carência acaba por deixá-los vulneráveis aos maus intentos de políticos indesejados e outras figuras que buscam instrumentalizá-los em questões periféricas às deles mesmos.

O autor conseguiu – depois de meses – uma melhor aproximação dos moradores e conseqüentemente pôde se misturar e compreender melhor a situação a partir de dentro. Em, aproximadamente, 6 a 8 meses já estava familiarizado com a comunidade, podendo caminhar sozinho sem problemas.

2.4.4 Problemas encontrados

A Comunidade Bico do Urubu é representativa das muitas comunidades de periferia das cidades brasileiras. Convive com problemas de natureza grave,

envolvendo drogas, alcoolismo, violência doméstica, pedofilia, evasão escolar e outros relacionados a conflitos familiares. A aproximação do autor e a busca por estreitar relacionamentos com moradores da Comunidade foi percebida a partir de uma dimensão existencial do autor; identificava-se ele com momentos e fases de sua própria história e experiência de vida.

Mesmo entendendo que os fatos estavam contribuindo para essa aproximação, começaram então alguns questionamentos, de como organizar e dar início ao trabalho e ajudar as pessoas tendo em vista a gravidade de seus problemas? Onde conseguir ajuda voluntária e financeira? Onde e como conseguir parcerias com empresas? Como arrumar tempo uma vez que o trabalho pessoal do autor era exigente precisava ser otimizado em sua divisão para que seu tempo entre os compromissos e os estudos teológicos tivessem a coordenação coerente sem que fossem prejudicados. Existia ainda a responsabilidade com a família que manifestava, naquele momento, certo desconforto em relação ao envolvimento com a comunidade. O envolvimento com a Comunidade e com o projeto iria requerer tempo. Passando por momentos de crise e confusão mental resistiu, por vezes, a ideia de entrar de cabeça na realidade que se descortinava, porém, com o passar do tempo as coisas foram ficando mais nítidas e então houve uma acomodação ao novo período. Não havia certeza do que fazer, somente que algo deveria ser feito. O projeto era desafiador por sua própria natureza. Uma primeira intuição era que deveria formar uma equipe e conquistar parceiros.

Em alguns encontros com moradores do lugar, começou-se a imaginar e a visualizar as mudanças que poderiam ser feitas, seus resultados e o que poderia proporcionar àquelas pessoas, principalmente às crianças, aos adolescentes e jovens da comunidade um melhoramento prático das condições. Por estarem em um ambiente de risco e envolvimento com o submundo, mas que ainda não se encontram em situação de rua, concordou-se que devido à grande quantidade de crianças e adolescentes na comunidade se iniciaria o trabalho com eles, pois se percebe que são atingidos diretamente por esse contexto de caos social. Entendeu-se que as ações de Responsabilidade Social são de competência e obrigação dos órgãos municipais, estaduais e federais, isto, porém, não ocorria e não tem ocorrido na comunidade do Bico do Urubu, infelizmente.

As informações que temos da Prefeitura Municipal de Guarapari, através da Secretaria Municipal do Bem Estar Social, é que as famílias que moram na comunidade serão removidas para outro local, onde serão construídas casas populares que serão doadas pela Prefeitura. Mas, segundo os moradores locais, essa promessa já dura dois anos sem que nenhuma atitude tivesse sido tomada até o momento. O máximo que tem acontecido à Comunidade são ações isoladas como os relatos abaixo demonstram, os quais ocorreram em outubro de 2009:

A Secretaria Municipal de Saúde realizou no último sábado, dia 24 de outubro, a Ação Saudável, na localidade do “Bico do Urubu”, bairro Lameirão, onde foram oferecidos diversos serviços de saúde e orientações a população.

O Centro de Controle de Zoonoses – CCZ efetuou a vacinação de 50 animais, entre gatos e cachorros, levantou os problemas de saúde ambiental da região, através de visita domiciliar para ações posteriores de combate a endemias. Além disso, a equipe apresentou teatro sobre prevenção a “bichos de pé” e Dengue.

Profissionais realizaram atendimentos médicos, odontológicos, coleta de exames preventivos de câncer de colo de útero e vacinação de crianças e adultos. Dentre os serviços odontológicos, além de procedimentos bucais, houve palestra de orientação para as crianças presentes. O programa Hiperdia aferiu pressão arterial, fez teste capilar de glicemia, totalizando 99 atendimentos.

O programa Saúde de Ferro cadastrou 45 crianças e entregou 45 medicamentos. Já os Programas de Tuberculose e Hanseníase atenderam a 20 pessoas, tendo sido encaminhados cinco pacientes para tratamento no programa de hanseníase.

O Programa de Educação em Saúde e Mobilização Social trabalhou com a recreação educativa de cerca de 90 crianças, tendo sido distribuídos brindes (lápiz e cadernos customizados).

Participaram da iniciativa a Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento de Guarapari – CODEG, com a limpeza do manguezal, capina e coleta de lixo, além da Secretaria Municipal de Trabalho, Assistência e Cidadania, com assistente social, e a Igreja Assembléia de Deus Monte das Oliveiras, com o pastor Antônio Medina.⁷⁴

Entendemos que ações como estas são úteis, porém, ineficientes para a demanda das necessidades da comunidade. Pensamos que as ações devem ser contínuas e efetivas, pois os problemas têm se agravado, principalmente em relação a doenças que proliferam devido à falta de higiene e saneamento básico.

Quanto à quantidade de cômodos dos domicílios, 18% possuem um cômodo, 24% dois cômodos, 48% três cômodos. Dez representantes das famílias cadastradas relataram que apesar de suas famílias serem numerosas, seus domicílios possuem em média dois cômodos e não tem banheiro, dessa forma não possuem espaço apropriado para fazerem suas necessidades fisiológicas e de higienização pessoal, 17% dos imóveis não

⁷⁴ SEMSA realiza Ação Saudável no “Bico do Urubu”. Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/ntmostra.php?id1223>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

têm acesso a água encanada e 100% dos domicílios não têm acesso a saneamento básico, deste modo os resíduos sólidos e líquidos das famílias são lançados diretamente no manguezal. Este contexto apresentado, quando a condição dos imóveis das famílias é propício a proliferação de insetos e doenças; constituem-se em sua maioria em ambientes insalubres, fatores que demonstram que a situação habitacional das famílias representam risco pessoal e social para seus membros. Portanto, as famílias que habitam esta região estão exposta a um alto índice de vulnerabilidade.⁷⁵

Esta é uma realidade latente na comunidade, pois se lida com problemas sociais sérios e eminentes, principalmente no que diz respeito à área da saúde. Todo o esgoto da comunidade do Bico do Urubu é despejado no manguezal, acarretando, em alguns horários, um forte mau-cheiro, além de ter muita sujeira em toda parte, nos quintais das casas, nos terrenos e nas ruas. O acúmulo de lixo atrai bichos e insetos, expondo crianças a situação de risco, pois muitas delas andam descalças e sem um mínimo de proteção.

Além dos dejetos domésticos que são lançados nos manguezais, algumas empresas, clandestinamente, depositam materiais tóxicos em locais próximos à comunidade, causando um grande dano ao meio ambiente e aumentando ainda mais os riscos em relação aos moradores da Comunidade. Em alguns casos, a justiça tem tomado providências, mas não são ações contínuas.

Podemos conferir esta realidade no texto da Liminar da Vara do Meio Ambiente de Guarapari:

A juíza da Vara do Meio Ambiente de Guarapari, Danielle Nunes Marinho, concedeu uma liminar contra as empresas SAMARCO MINERAÇÃO S/A, CONNECT CONSTRUÇÕES E INCORPORAÇÕES LTDA E PARANASA ENGENHARIA E COMÉRCIO S/A que estariam causando poluição ambiental, trazendo desequilíbrio e destruição ao meio ambiente na área de Manguezal - Lameirão, em Guarapari. A decisão da magistrada proíbe que essas empresas realizem a dispensa de resíduos sólidos ou qualquer outro resíduo que venha a prejudicar o meio ambiente na região do manguezal. No processo, a juíza deferiu uma liminar requerida em uma ação civil pública ambiental, proposta pelo Ministério Público, que alegou que as empresas requeridas teriam degradado o meio ambiente, com a dispensa de resíduos sólidos, em local de proteção ambiental, ou seja, Manguezal, no Bairro conhecido como Lameirão, no Município de Guarapari/ES. Segundo o processo, em 2007 as empresas foram autuadas praticando irregularidades "com dispensa inadequada de resíduos sólidos na área de manguezal - Lameirão [...] conduta esta altamente danosa ao meio ambiente e flora local". Para a magistrada, não se tem notícias, até hoje, de que as empresas cumpriram o que foi determinado à época. Além disso, a

⁷⁵ SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO, ASSISTÊNCIA E CIDADANIA. Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/index.php>>. Acesso em 5. mar. 2010.

juíza comprovou, através de documentos juntados aos autos, que houve realmente a "dispensa de resíduos sólidos em área legalmente protegida, sem qualquer estudo prévio, monitoramento, tratamento ou licenciamento", diz a decisão da magistrada.

Para a juíza, "um meio ambiente ecologicamente equilibrado [...] é genericamente concebido como bem de uso comum do povo", diz a decisão. Assim, a magistrada acolheu os argumentos do MPES e deferiu a liminar, determinando que as empresas "se abstenham de dispensar resíduos sólidos ou qualquer outro resíduo que venha causar poluição ambiental na área de Manguezal - Lameirão neste Município de Guarapari/ES, sob pena de multa diária no valor de R\$ 461, § 4º e § 5º do CPC", conclui a decisão judicial.⁷⁶

Apesar dessas ações, os agressores do meio ambiente não têm se inibidos, pois ainda presenciamos carros em horários alternados depositando lixo no local.

Um outro fator agravante está relacionado ao acesso ao trabalho dos moradores da comunidade do Bico do Urubu. Vejamos:

Constatamos que 96% dos participantes da pesquisa, não atuam com carteira assinada. Tal dado apresentado é preocupante, pois esses usuários são representantes familiares, em idade ativa de trabalho que não estão inseridos formalmente no mercado de trabalho, não tendo acesso aos direitos trabalhistas. Ressaltamos que no Capitalismo contemporâneo, ocorre uma crise no mundo do trabalho que afeta diretamente aos cidadãos que vivem desse trabalho. Tal crise reflete nas relações trabalhistas, a partir da expansão do desemprego e da ampliação expressiva de operários que não conseguem se inserir/reinsirir no mercado de trabalho. O aumento do desemprego "faz crescer a pobreza e a miséria comprometendo os direitos sociais e humanos, inclusive, o direito à vida" (IAMANOTO, 2007, p. 87), sendo uma realidade vivenciada pelas famílias que participaram do cadastramento.

Um dado marcante quanto a situação ocupacional, é em relação ao desemprego, onde 66% da população está desempregada, sobrevivendo da venda de biscates (informais) ou por meio dos benefícios mínimos do Governo Federal. [...] Coletamos ainda dados relacionados à profissão dessas pessoas, observamos que a maioria dos representantes das famílias realizam serviços subalternos, e em muitas ocasiões não são valorizados socialmente (vendedores, babá, auxiliar de serviços gerais, catadores de lixo entre outros).⁷⁷

Não menos grave é a realidade da educação na comunidade. A exclusão socioeducativa atinge um contingente muito elevado de pessoas da Comunidade.

Quanto ao nível de escolaridade temos 80% dos representantes das famílias com o Ensino Fundamental incompleto, 4% Ensino Médio incompleto e apenas 3% possuem o Ensino Médio completo. Compreendemos a situação dessa população como uma síntese de

⁷⁶ FERREIRA, Maira. *Liminar da Vara do Meio Ambiente de Guarapari*. Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.direito2.com.br/tjes/2010/fev/5/liminar-da-vara-do-meio-ambiente-de-guarapari>>. Acesso em: 5 mar. 2010.

⁷⁷ SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO, ASSISTÊNCIA E CIDADANIA. Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/index.php>>. Acesso em 5. mar. 2010.

múltiplas determinações, pois, ao passo que não conseguem avançar na escolaridade, traz multiplas implicações (dificuldades) ao se inserirem no mercado de trabalho, considerando as atuais exigências desse mercado.⁷⁸

Os trabalhadores, por não estarem profissionalmente preparados, acabam não sendo inseridos no mercado de trabalho, ou seja, não têm uma ocupação produtiva sendo excluídos do padrão de socialização de um assalariado. São pessoas sem formação escolar básica que são entregues ao destino e risco, pois dependem de uma melhor formação para seu crescimento profissional e sua sustentabilidade. O levantamento sobre a renda familiar das famílias indica a agrura pela qual passam as famílias da Comunidade:

[...] nota-se que 85% das famílias têm renda familiar até 1 salário mínimo, apenas 4% têm renda familiar até 02 salários mínimos e 4% não possuem renda alguma. Podemos notar que a maioria das famílias tem renda mensal inferior a um salário mínimo, renda esta, oriunda de trabalhos informais. Também foi observado, um numero bastante significativo daqueles que não possuem renda alguma e vivem apenas do benefícios assistenciais, como o programa do Bolsa Família, sendo essa a única fonte de renda regular da família. A expressão da renda familiar vem simplesmente demonstrar a síntese de todas as demais análises já feitas e como elas estão correlacionadas, do quão vulneráveis são essas famílias em relação às circunstâncias que as rodeiam.

No que tange o tamanho da família, em especial o número de membros que reside sob o mesmo domicílio, temos 21% das famílias têm 03 membros em sua composição familiar, as com 04 e 05 membros somam 29%, e um número expressivo de famílias, 11%, tem composição familiar superior a 06 pessoas. O que nos aponta o predomínio de famílias numerosas, uma vez que 40% possuem mais de 04 membros no domicílio. Essa composição demográfica somada ao perfil de rendimento apresentado pelo grupo nos permite avaliar a gravidade das condições de pobreza do grupo que participou do cadastramento. Essa precariedade socioeconômica vai se refletir, mormente, nas condições de moradia, na situação habitacional das famílias.⁷⁹

Guarapari, por ser uma cidade turística, propicia que muitas pessoas, durante os meses de janeiro e fevereiro, procurem alternativas de trabalho; a forma mais comum é a de vendedores ambulantes nas praias. No término desses períodos, voltam à dura realidade e aos mesmos problemas.

O Bico do Urubu, apesar de ser uma pequena comunidade, enfrenta grandes problemas como qualquer outra: violência, tráfico de drogas, rixas com

⁷⁸ SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO, ASSISTÊNCIA E CIDADANIA. Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/index.php>>. Acesso em 5. mar. 2010.

⁷⁹ SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO, ASSISTÊNCIA E CIDADANIA. Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/index.php>>. Acesso em 5. mar. 2010.

autoridades e outros. Tudo isso gera um grande desconforto na comunidade, o que acaba por tornar a região hostil.

Sabemos que existem muitas comunidades, no Brasil e no mundo, com situações semelhantes ou até mesmo mais críticas do que a comunidade do Bico do Urubu, mas nesse caso da comunidade há um grande descaso das autoridades e órgãos competentes em relação aos seus moradores.

A efetivação dos direitos da pessoa parece não ter chegado à região. Rudolf von Sinner afirma:

A cidadania, a atribuição de direitos e deveres, tornou-se um termo-chave e é reconhecida como algo que deve ser efetivamente disponibilizado a todos os setores da sociedade. Por outro lado, tampouco há qualquer dúvida de que esses avanços não alcançaram todos os setores da população. Além da assustadora pobreza reinante em grandes parcelas da população devido a fatores econômicos, também existem problemas de cultura política.⁸⁰

A pobreza e a corrupção foram introjetadas a tal ponto que até mesmo os grupos que sempre foram críticos deste clientelismo e desta forma patrimonialista de fazer política acabaram sendo pegos nas malhas da estrutura administrativa do país que possui raízes profundas em formas de governar sob a égide do jeitinho brasileiro.

Há por exemplo, graves deficiências no Estado de direito, que tem sido incapaz de conter, com eficácia, a violência e o crime. Outro problema é a corrupção e o clientelismo amplamente difundidos, dos quais até o governo eticamente pretensioso do PT se tornou vítima.⁸¹

Compreende-se que são muitos os problemas sociais a serem sanados, mas na ausência de iniciativas dos órgãos competentes se deve, como Igreja de Cristo, tomar algumas medidas para prevenir e, até mesmo, entender as necessidades da Comunidade. Uma das alternativas que podem ser colocadas em prática é utilizar reuniões na comunidade, nas quais as pessoas expressam seus pensamentos, seus interesses e suas necessidades. Pensar que é uma forma de incentivar e valorizar o próprio morador da Comunidade é optar pelo protagonismo auto-organizativo, pois se compreende que ser cidadão é respeitar e participar das decisões da sociedade para melhorar suas vidas e as das outras pessoas.

⁸⁰ SINNNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 32.

⁸¹ SINNER, 2007, p. 32.

Outro problema na comunidade é a falta de informações básicas sobre práticas de cidadania. Informações preventivas sobre as muitas situações de risco, principalmente entre as crianças e adolescentes é fundamental. Percebe-se nas pessoas falta de iniciativa em querer mudar sua história; muitos olhares vazios, pessoas sem esperança, sem perspectivas de vida e sem força para lutar por seus direitos. Elas são passivas e, até certo ponto, parecem transparecer certa alienação, agem – em muitos momentos – como se estivessem conformadas com a situação da Comunidade. A cidadania tem sido interpretada, para grande parcela da população, como apenas uma palavra desprovida de sentido. O desafio é fazer com que o Brasil, através dos órgãos competentes, comece a dar sentido e conteúdo a essa palavra para preservação da dignidade humana e da justiça. Cidadania é conquista e se realiza a partir da conscientização dos cidadãos e das cidadãs de seus deveres e direito.⁸²

Em algumas reuniões, durante as conversas com os moradores sobre as carências da comunidade, questionava-se por que nunca houve iniciativas para tentar organizar a comunidade e reivindicar seus direitos. Surgiam colocações do tipo: “cada um quer cuidar de sua vida e mais nada, nunca se consegue juntar ou unir a comunidade para tratar dessas coisas, são muito desunidos e acabam desistindo”.

Enquanto as autoridades não tomam a iniciativa de um remanejamento das famílias, do local, conforme prometido, deveria-se iniciar um trabalho de informação e conscientização com a comunidade sobre cidadania, seus direitos e deveres; poderia-se fortalecer a comunidade tomando iniciativas para pleitear melhorias e benefícios.

⁸² Por cidadania quer-se fazer referência à amplitude e abrangência participativa das pessoas que habitam a realidade da cidade, daí que a tradição denotar essa qualidade de cidadania. Há modelos preponderantes de cidadania, quais sejam, os de democracia neoliberal e de social-democracia. Do primeiro compreende-se uma forma específica de liberalismo que se define pela desigualdade de direitos de saída para qualquer positivação de direitos. Do segundo depreende-se uma maior valorização das oportunidades e dos direitos resguardados pelo Estado. Sobre o primeiro, há que se referenciar os Estados Unidos da América do Norte; sobre o segundo, referenciam-se os Estados em quais foram implantados o assim chamado Estado de Bem-estar Social como Alemanha, Noruega, França, etc. FILHO, Cyro de Barros Rezende; NETO, Isnard de Albuquerque Câmara. *A evolução no conceito de cidadania*. Disponível em: <<http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/aevolucao-N2-2001.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2010.

Muitos conflitos de interesses se apresentam no dia a dia na Comunidade do Bico do Urubu, pois habitam em situação de exclusão social. Evidencia-se o desgaste das relações sociais e familiares que são características marcantes na cultura de violência crescente, das quais se reclama a conscientização e a consolidação da cidadania.

Existem na comunidade problemas sociais e familiares graves, com 3 ou 4 famílias morando em um mesmo terreno, mas com barracos e casas independentes gerando conflitos seríssimos, sendo preciso inclusive a intervenção policial. Em muitos casos, problemas fúteis, que poderiam ser resolvidos de forma pacífica.

Bastante ilustrativo é o caso prático que foi acompanhado pelo autor: trata-se de uma filha de maior idade e de uma senhora com 60 anos de idade. Ambas moram no mesmo terreno; a filha sai de casa e chega alcoolizada com estranhos, expondo ao constrangimento sua mãe e suas 3 filhas com idades de 7, 9 e 13 anos. Muitas vezes, a avó interfere para cuidar das crianças, criando desavenças com a mãe e que faz com que haja exposição das crianças à situações de riscos como abusos sexuais.

Nesse contexto social, as crianças são as mais afetadas, deixadas de lado e desconsideradas, devido aos diversos problemas na comunidade. Rodolfo Gaede Neto, sobre a criança, afirma:

Sua fragilidade a torna vítima fácil dos desarranjos políticos, econômicos, sociais, culturais e religiosos. Assim a criança sofre quando a família é atingida pela pobreza, pelo êxodo rural, pelo desemprego; quando é excluída da educação infantil, da escola, dos programas sociais e culturais; quando é afetada pela exploração do trabalho infantil, pela prostituição infantil, pela violência, reinante na sociedade. Esta realidade tem desafiado a Igreja em sua vocação solidária.⁸³

Na comunidade, não existe nenhum espaço físico apropriado para lazer ou atividades esportivas. Pode-se ir à comunidade em qualquer dia para presenciar crianças expostas na rua sem um mínimo de higiene, com brinquedos reciclados do lixo. Os problemas na comunidade estavam atingindo diretamente o rendimento escolar das crianças, acarretando um alto índice de reprovação. Muitas têm sido

⁸³ GAEDE NETO, Rodolfo. A criança na Bíblia. In: GAEDE NETO, Rodolfo (Org.). *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 69.

retiradas das escolas para cuidar de crianças menores em casa para que os pais possam sair para trabalhar ou, até mesmo, acompanhar os pais na coleta do lixo.

Após um estudo em busca de subsídios bíblicos para a fundamentação da práxis diaconal com crianças, compreendeu-se que, durante a história, nos momentos de dor e sofrimento das crianças, Deus sempre levantou pessoas para a solidariedade em defesa da vida e da dignidade das crianças. Em sua conclusão, Gaede Neto exorta as igrejas para a grande responsabilidade e compromisso com as crianças:

Certamente a mensagem bíblica tem a força de convidar a igreja a proceder a uma avaliação dos contextos em que a criança vive hoje; é dispensável citar aqui estatísticas que apontam situações constrangedoras e injustas para milhões de crianças no Brasil e na América Latina, como a exploração do trabalho infantil, da prostituição infantil, da exploração de crianças no tráfico de drogas a conhecer a legislação e os direitos por ela assegurados à criança, em todos os níveis da sociedade (Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, as Leis Orgânicas dos Estados e Municípios); a conhecer e apoiar as iniciativas de proteção e assistência à criança por parte de instituições governamentais e organizações não-governamentais; a conhecer, apoiar e se integrar nos conselhos municipais da criança e do adolescente; a conhecer e valorizar as iniciativas das próprias igrejas; a tomar iniciativas diaconais nas comunidades locais, de cuidado das crianças doentes, portadoras de deficiências, das que estão fora das escolas, das que se encontram privadas de liberdade, das que estão nas ruas, das que são exploradas e discriminadas.⁸⁴

Atualmente as igrejas estão tendo todas as oportunidades possíveis para demonstrar realmente o seu papel na Comunidade, na cidade ou mesmo no país, no qual está inserida; as crianças estão em cada esquina clamando por socorro. “Certamente, a mensagem bíblica tem a força de anunciar à igreja e ao mundo que: quem servir ao Senhor, siva-o nos pequeninos e nas pequeninas”.⁸⁵

Há alguns casos, pela necessidade de uma renda melhor, em que as pessoas acabam envolvidos com a retirada ilegal de areia no local. Há, atualmente, algumas pessoas detidas e outros respondendo processos por esta prática.

Entre os muitos problemas citados acima, o que chamou a atenção foi um caso de pedofilia e agressões à crianças. Muitas mães estão com o segundo ou terceiro companheiro dentro de casa vivendo amaziadas. Normalmente, esses companheiros não respeitam as crianças como seus filhos legítimos, e assim as

⁸⁴ GAEDE NETO, 2004, p. 87.

⁸⁵ GAEDE NETO, 2004, p. 87-88.

tratam sem considerar os abusos e as agressões físicas. Em um levantamento feito na Comunidade do Bico do Urubu, registrou-se os seguintes dados: “quanto ao estado civil averiguamos que 47% dos representantes das famílias constituem-se uma relação estável com seu(a) companheiro(a), 25% são solteiros(as) e 24% são casados”.⁸⁶

Houve, em 2009, um caso de pedofilia em que um conhecido da família da criança abusava de uma menina de 12 anos havia meses. Assim que descoberto o caso, através de denúncia, um grupo da denominação religiosa se aproximou da família e, após conversas, concluiu-se que o fato era do conhecimento da mãe, pois estava se beneficiando materialmente através de favores.

São problemas sérios existentes na Comunidade de Bico do Urubu, que precisam urgentemente ser enfrentados. É preciso contribuir para a promoção da cidadania destes adolescentes e jovens através de um trabalho voluntário, diaconal e missionário de prevenção e de cura, tanto física quanto espiritual. A comunidade necessita de pessoas comprometidas com a Palavra de Deus, com a ética e responsabilidade social, pessoas cuja motivação maior para esse trabalho seja o amor ao próximo. Levantar os caídos, curar os feridos e cumprir um dos maiores mandamentos deixados por Deus: “amar o teu próximo como a ti mesmo”, só é possível se houver sensibilidade.

Há muitos anos se verifica um crescimento populacional acelerado e desordenado principalmente nos países em desenvolvimento. No Brasil, devido ao fato de a condição econômica da população, em geral, ser extremamente baixa, o que tem sido mudado, tem-se um enorme déficit habitacional, resultando no aparecimento de assentamentos e invasões. Na Comunidade de “Bico do Urubu” não é diferente: apresenta condições de vida precárias, sem sistema de saneamento básico e educação, entre outros.

A falta de conscientização, gerada pela carência de programas de cidadania e mesmo de educação ambiental, resultam no mau uso dos sistemas implantados. Essa falta de conscientização é gerada, em grande parte, pela falta de informação; esta é também um direito de cidadania. É preciso também conscientizar os moradores da Comunidade da importância de se preservar o meio ambiente. Pensar

⁸⁶ SECRETÁRIA MUNICIPAL DO TRABALHO, ASSISTÊNCIA E CIDADANIA.

que a Igreja deve ensinar as pessoas a respeitar a natureza é também uma mudança na compreensão de paradigmas, pois essa atitude também faz parte do testemunho cristão. Por isso, a importância em passar adiante essa conscientização que deve ser acompanhada de responsabilidade na utilização dos recursos dispensados a nossa existência. A importância dessa responsabilidade é a de que as pessoas, que causam a destruição do meio ambiente, acabam se tornando vítimas de suas próprias atitudes. Infelizmente o que tem sido visto nos discursos de grande parte das muitas igrejas consideradas evangélicas, que optam pelo proselitismo, é uma preocupação com o invisível, enquanto o que está diante dos olhos está sendo destruído por ações irresponsáveis do próprio ser humano.

Muitos desses problemas ocorrem em prejuízo das necessidades básicas dessas populações de baixa renda que habitam em localidades expostas a todos os tipos de riscos e que, até o momento, não foram, em sua grande maioria, devidamente contempladas com intervenções do Poder Público.

A comunidade Bico do Urubu se apresenta como um desafio para o trabalho voluntário, diaconal e missionário. A realidade dos moradores daquela localidade clama por justiça. O clamor é por cidadania e dignidade de vida. De forma muito especial, clama a realidade das crianças, dos adolescentes e jovens. Problemas de pobreza, de falta de trabalho, falta de lazer, de saúde, de educação, de relacionamento humano, de alcoolismo, de drogas, de prostituição, de pedofilia, de violência, etc.

As igrejas precisam ouvir este clamor, pois, elas têm o conhecimento do Evangelho que propõe vida em abundância para seus filhos e suas filhas (Jo 10.10). O Evangelho propõe a Missão como forma de ir ao encontro das pessoas em sua realidade de fato. O Evangelho propõe a diaconia como forma de realizar o amor aos pequeninos irmãos (Mt 25). O Evangelho propõe a ética como forma de realizar a plena cidadania.

Ser igreja profética e misericordiosa requer uma sensibilidade de ouvir o que o Espírito está dizendo à Igreja num contexto específico. A transformação da realidade pressupõe a conjugação de muitas iniciativas, projetos, ações coletivas visando ao mesmo fim. Deus estende suas asas sobre toda a cidade. À igreja cabe a tarefa de acolher as pessoas para este

amparo do Senhor. Só assim, cada qual encontrará sua tribo e não será mais a massa solitária.⁸⁷

⁸⁷ HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus*. Curitiba: Encontro, 2007. p. 27.

3 ALGUMAS INICIATIVAS PRÁTICAS NO BICO DO URUBU E INDICATIVOS PARA A PRÁTICA DIACONAL-MISSIONÁRIA

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.⁸⁸

Certamente seria utopia afirmar que podemos suprir todas as necessidades da Comunidade do Bico do Urubu e que temos respostas para todos os problemas. Entende-se que, diante da omissão das autoridades e órgãos competentes responsáveis pela questão social e dos direitos básicos do ser humano, temos o dever e o desafio como Igreja de tomar iniciativas nesse sentido para amenizar o sofrimento dos moradores da comunidade. Comunidades como a de Bico do Urubu clamam por cidadania. O intento aqui é apresentar algumas experiências realizadas na Comunidade de Bico do Urubu e outros projetos que estarão sendo desenvolvidos a curto e médio prazo. Pretende-se que estas experiências possam ter, neste trabalho, a função de indicativos para uma prática diaconal e missionária possível em comunidades periféricas.

Comblin, teólogo católico, afirmou que as igrejas não podem se omitir no seu papel diante das instituições governamentais e poderes públicos:

As tarefas precisam ser assumidas pelos poderes públicos. Porém, as igrejas ou os cristãos podem ter um papel profético dentro das instituições públicas, tomando iniciativas, empurrando, movendo a opinião pública, oferecendo modelos de atuação no meio popular e, sobretudo, expressando o grito dos pobres. Não está excluída a parceria entre igrejas e autoridades civis. Porém, sempre serão casos especiais e relativamente pouco numerosos. O lugar da diakonia cristã nesse setor assistencial estará na frente dos serviços públicos que precisam ser fundados, ou ampliados, ou melhorados. O testemunho cristão será dado dentro dessas organizações pela atitude dos cristãos inseridos nelas.⁸⁹

Grande parte das igrejas cristãs preocupa-se com o bem-estar e conforto de seus membros, investindo em templos sintuosos, com decorações bem articuladas e

⁸⁸ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. ética do humano: compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 33.

⁸⁹ COMBLIN, José. Diaconia na cidade. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Diaconia no contexto Nordestino*: desafios, reflexões, práxis. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 88-89.

uma série de comodidades. Essas opções não deixam de ser importantes, mas é necessário que caminhe junto com um trabalho sério e contínuo com o serviço diaconal e missionário voltados para a ação social em comunidades carentes, principalmente.

As igrejas não deveriam ficar envergadas sobre si mesmas e sobre seus próprios interesses de crescimento por adesão a partir do proselitismo. Ricardo Quadros Gouvêa afirma que a vida cúlrica se restringe a si mesma sem que isso implique em ir ao encontro das pessoas.

Um dos maiores erros que a igreja pode cometer é fechar-se em si mesma. Pregamos para nós mesmos e cantamos para nós mesmos. Não podemos achar que aquilo que fazemos aos domingos na hora do culto é o elemento crucial e máximo de nossa obra. A igreja tem muito a realizar pela sociedade e pelo país, e precisa começar a se mexer. A igreja que fechar-se em si mesma torna-se guetoísta.⁹⁰

O serviço da diaconia nas igrejas está acima de um relacionamento interpessoal com seus membros ou de se preocupar com a preservação dos bens materiais da Igreja ou, até mesmo, ficar na recepção da Igreja aguardando e felicitando a chegada dos irmãos a cada culto. O papel da diaconia é criar relacionamentos de solidariedade, justiça, direito e compaixão.

Diaconia vai além da ajuda com bens materiais ou alimentos; é uma ação que busca a saída do lugar de opressão de onde a pessoa está. E, assim, saindo deste lugar a pessoa poderá viver a vida abundante e conseguirá entender e viver a graça de Deus. Para isso, a igreja precisa se preparar e ir onde a necessidade está, contribuindo para a transformação social. Isso é prestar um serviço evangélico que cuida do outro e resgata a vida. Quando a pessoa padece, não é possível entender a graça do Evangelho, pois o sofrimento anestesia a compreensão. Jesus cuidou das necessidades físicas, emocionais e espirituais do povo. Após o resgate da dignidade, a pessoa entendia a mensagem do Evangelho. Essa atitude de Jesus no cuidado humano é um exemplo a ser seguido pela igreja. Este cuidar implica em preparo. Significa conhecer o ponto de partida, planejar as ações, enxergar o outro como semelhante, estabelecer vínculos afetivos, conhecer a história de vida do outro, conhecer os dons, estabelecer prazos de atuação, avaliar o trabalho.⁹¹

A Igreja e a sociedade devem andar juntas. A Igreja não pode se fechar em si mesma. Ela tem que, positivamente, fazer a diferença em meio a sua comunidade.

⁹⁰ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A piedade pervertida*. São Paulo: Grapho, 2006. p. 104.

⁹¹ NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. *Diaconar: uma maneira de cuidar e servir*. Disponível em: <http://www.novolhar.com.br/noticia_edicoes.php?id=394>. Acesso em: 15 de junho de 2010.

É preciso sair para fora. Se o coral quer cantar, que cante nas ruas, nos asilos, nas praças, nos hospitais, nas empresas. E que a igreja se mostre presente, fazendo a diferença na cidade onde está, no bairro onde se localiza. A espiritualidade de uma comunidade cristã se mede pelo que ela faz das portas da igreja para fora, e não pelo que ela faz das portas da igreja para dentro.⁹²

É preciso aprender com os ensinamentos de Jesus e a herança dos apóstolos em relação aos menos favorecidos: a ação social, o cuidar do próximo, a compaixão e a comunhão na mesa. As igrejas têm que repensar e analisar as práticas diaconais missionárias existentes e definir quais são as prioridades.

A evangelização e a responsabilidade social são inseparáveis. O evangelho é a boa nova acerca do Reino de Deus. As boas obras, por outro lado, são os sinais do Reino para os quais fomos criados em Cristo Jesus. A palavra e a ação estão indissoluvelmente unidas na missão de Jesus e de seus apóstolos, e devemos mantê-las unidas na missão da igreja, na qual se prolonga a missão de Jesus até o final do tempo.⁹³

A injustiça social afronta contra a imagem e semelhança de Deus. A Igreja tem se afastado das necessidades das pessoas como se nada tivesse a ver com isso. Quando as injustiças sociais estão dominando, é indício de que a comunidade de fé não está cumprindo com sua Missão de ser sal e luz deste mundo.

Há muitas igrejas em Guarapari próximas à Comunidade de Bico do Urubu com 300, 400 e até 700 membros. Conhecendo algumas delas e seus líderes, tem-se a grata impressão de serem homens e mulheres de boa conduta e com ótimas intenções, mas é possível observar uma triste realidade: nenhuma delas tem um trabalho voluntário, missionário e diaconal contínuo voltado para comunidades carentes. Quando as igrejas se fazem presentes nessas comunidades, geralmente é com objetivos missionários proselitistas. René Padilha argumenta que a Missão somente preocupada com a alma está desencarnada da realidade. Em sua análise, no livro *Servindo com os pobres da América Latina*, quando faz avaliação teológica do ministério integral, ele argumenta:

Até muito recentemente, a evangelização feita pelas igrejas evangélicas era, em boa parte, “desencarnada”. Estava dirigida para a salvação da alma, mas passava ao largo das necessidades do corpo. Ela oferecia a reconciliação com Deus por meio de Jesus Cristo, mas deixava de lado a reconciliação do ser humano com seu próximo. Ela proclamava a justiça

⁹² GOUVÊA, 2006, p. 104-105.

⁹³ PADILHA, 2005, p. 211.

pela fé, mas omitia toda e qualquer referência à justiça social enraizada no amor de Deus pelos pobres.⁹⁴

Trata-se muito de salvação de almas, libertação de entidades espirituais, mas não há uma preocupação com um trabalho diaconal e missionário voltado às necessidades físicas.

[...] a presença de Deus não deve ser buscada somente em experiências espirituais ou de salvação pessoal, mas também na superação da miséria econômica e no pecado social que as economias de mercado e a globalização não somente, não somente solucionam, mas que em alguns sentidos aprofundam [...] a missão da igreja é messiânica porquanto quem a começou foi Jesus de Nazaré como o Messias. É carismática no sentido de que o Espírito Santo a dirige e dinamiza, seu alvo é a glória do Pai. Em suma, se trata de uma missão trinitária onde o Pai é glorificado pela obra do Filho e no poder e comunhão do Espírito Santo.⁹⁵

A vida real das pessoas deve ser o eixo de preocupação. É preciso trazer uma percepção de Evangelho Integral para a vida das pessoas e para as suas necessidades. Há que ter nas igrejas disposições úteis aos necessitados. Os cultos devem ser acessíveis a todos sem exceção. Assim, é possível vivenciar e demonstrar o amor de Deus por todos. Um dos grandes passos para a Igreja atual é romper com o Evangelho apenas falado e começar a viver um Evangelho prático que caminha em direção às pessoas. Para Leonardo Boff, “há uma clara união entre proclamação e ação libertadora, pois Jesus não só prega, mas tem misericórdia do povo faminto e desgarrado, alimentando-o fartamente (Lc 9.11-17)”.⁹⁶

Em algumas igrejas cristãs que visitamos em Guarapari, foi possível perceber que muitas não têm como prioridade trabalhos em comunidades carentes ou investimentos em projetos sociais. Quando mencionamos projetos, não estamos pensando em grandes quantias de dinheiro, muito pelo contrário, referimo-nos ao resgate do trabalho voluntário, diaconal e missionário, interativo e preventivo. Frei Beto, quanto ao serviço, expressa que,

[...] assim como no caso da vocação dos profetas, Deus exige das igrejas, através dos sinais dos tempos, um serviço que caracteriza a sua diaconia profética. No terceiro mundo isso chama-se justiça. Sendo o profetismo sempre ‘exclusiva referência a Deus a partir dos direitos dos pobres, no

⁹⁴ YAMAMORI, Tetsunao; PADILLA, René; RAKE, Gregório. *Servindo com os pobres na América Latina: modelos de ministério integral*. Curitiba: Descoberta, 1998. p. 27.

⁹⁵ ROLDÁN, Alberto. *Seminário de Missão e Identidade*. Brasil: CLAI, maio de 2000. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=1896>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

⁹⁶ BOFF *apud* GAEDE NETO, 2001, p. 22.

terceiro mundo isto implica 'lutar pelos direitos fundamentais: de vida, de alimentação, de saúde, de educação, de trabalho, etc'.⁹⁷

É evidente que muitos são os obstáculos, mas é imperativo tomar iniciativas que venham a impulsionar as igrejas às práticas e aos exemplos de Jesus, cuja prioridade era cuidar do próximo.

Muitas foram as dúvidas e questionamentos no decorrer da pesquisa, mas o desejo em contribuir de alguma forma com a Comunidade de Bico do Urubu falou mais alto. Gisela Beulke dá uma grande contribuição para a importância de uma diaconia em ação, ao invés somente de palavras. Em seu livro *Diaconia: um chamado para servir*, ela relata experiências práticas, na área diaconal, em uma comunidade, na qual trabalhou com pessoas em situações de carência e necessidades complexas.

Para muitos, a diaconia é mais fácil feita do que falada. Quem é engajado na obra diaconal é movido por convicções imediatas e motivos pessoais profundos. Se meu o meu vizinho sofre, é evidente que devo assisti-lo. Se as crianças de rua podem ser amparadas, é claro que devo estar à disposição para assumir a minha parte. Não há necessidade de um discurso racional para levar as pessoas à ação. A indignação ética ou a motivação para servir o próximo são forças básicas para todo fazer diaconal. Vejo a diaconia como um dos caminhos importantes para chegar até o próximo de forma simples e prática. Ela deixa o discurso e torna-se fé em ação, como diz o título do livro "Diaconia: Fé e Ação". Fazer diaconia hoje significa entrar e lutar articuladamente com outros segmentos da sociedade para transformá-la em uma sociedade mais justa, menos excludente, enfim compreender e respeitar o ser humano no seu todo.⁹⁸

As iniciativas a seguir são de pessoas voluntárias que têm, como principal motivação, o bem-estar dos moradores da Comunidade de Bico do Urubu. Talvez, inicialmente, os métodos não tenham sido os mais apropriados, mas atitudes tinham que ser tomadas. No entanto, algo tinha que ser feito urgentemente pela comunidade.

3.1 Bico do Urubu: primeiro passo

Antônio Carlos Gomes da Costa escreve sobre a juventude e a sua realidade dentro do contexto brasileiro:

⁹⁷ GAEDE NETO, 2001, p. 25.

⁹⁸ BEULKE, Gisela. *Diaconia: um chamado para servir*. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 53.

O maior patrimônio de uma nação é seu povo. O maior patrimônio de um povo são as suas crianças e seus jovens (sic). Nas últimas décadas os governos brasileiros ignoraram esta verdade elementar: é um estado de degradação pessoal e social em que subsistem milhões de crianças e adolescentes.⁹⁹

A presença de meninos de rua é sintoma de uma sociedade desigual que segrega a maior parte da população. Olhar para os sintomas e não tomar atitudes de cura é o mesmo que aplicar placebos em pacientes que acreditam que as causas são devidas a outras forças que não as desigualdades de interesse que, no Brasil, são historicamente mantidas pelas camadas ricas em detrimento das mais pobres.

Nota-se a ausência de cidadania quando uma sociedade gera um menino de rua. Ele é o sintoma mais agudo da crise social. Os pais são pobres e não conseguem garantir a educação dos filhos. [...] É a famosa pergunta: o garoto é pobre porque não conseguiu estudar em uma boa escola ou é porque não estudou que continua pobre? [...] Estamos vendo os extremos da perversidade social. Os mais fracos são as maiores vítimas: as crianças e os velhos. É uma sociedade que não respeita suas crianças e os velhos, mostra desprezo ou, no mínimo, indiferença com seu futuro. Todo mundo já foi criança e será velho, um dia. Portanto, ninguém está seguro. (DIMENSTEIN, Gilberto: 1993). O chamado “menino de rua” - aqui inclui-se também o adolescente – “é uma ilha cercada de omissões por todos os lados. Todas as políticas públicas básicas já falharam em relação a ele” (sic).¹⁰⁰

Após conhecer a comunidade e indentificar os muitos problemas existentes, percebeu-se que as crianças e adolescentes são os mais afetados devido à falta de atividades e lazer. Pode-se constatar na Comunidade crianças perambulando pelas ruas sem um mínimo de higienie, em meio ao lixo e esgoto. Gisela Beulke declara que “para qualquer trabalho com pessoas é necessário conhecer, fazer um levantamento das pessoas, do bairro. Ver quem são, quais são as reais necessidades e expectativas”.¹⁰¹

Em um artigo online, da revista *Mãos Dadas*, é debatida a realidade que aflige não só a Comunidade de Bico do Urubu, mas também comunidades em grandes cidades brasileiras. Sob o título *Pensar sobre a criança: retomando a tarefa*, são feitas algumas reflexões:

⁹⁹ COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *A juventude e a realidade dentro do contexto brasileiro*. Disponível em: <<http://www.cinterfor.org.uy/jovenes/doc/not/libro60/i/i/index.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2010.

¹⁰⁰ COSTA, 2010.

¹⁰¹ BEULKE, 1997, p. 15.

Fazemos pouco, especialmente pela criança e adolescente que vive em situações de risco social. Infelizmente, elas são muitas. Por exemplo, há quase 4 milhões de crianças de 0 a 6 anos nos dois maiores centros urbanos do país, São Paulo e Rio de Janeiro. Destas, mais de 1 milhão vivem na pobreza extrema. Mas nossas igrejas não estão preparadas para acolhê-las. De acordo com pesquisa feita pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER) em 2005, a pedido da Compassion do Brasil, de 843 igrejas em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Campinas, apenas 218 (26%) tinham trabalho social voltado para as crianças.¹⁰²

Uma percepção vinda ao grupo da empenhado no projeto de superação das dificuldades foi a de que seria relevante a aproximação com as crianças. Entendeu-se que o primeiro passo seria ocupá-las através do esporte e atividades físicas para tirá-las das ruas.

A realidade do mundo hoje contradiz os valores centrais do reino e constitui-se em desafio essencial para a Igreja, de maneira particular na América Latina e o Caribe. A Igreja assume, então, o papel de comunidade do reino, mas também (a exemplo dos profetas) de agente de justiça, denunciando, defendendo o direito, propondo alternativas; e ela própria provendo meios para proteger as crianças. O Reino de Deus é a vontade do Pai; a causa que Jesus defendeu durante seu ministério na terra; é o coração do evangelho e deve ser mesmo a paixão dos crentes chamados pelo Espírito para anunciar as boas notícias do Messias “até os confins da terra” (At 1.8). As crianças são um sinal de espiritualidade e um modelo de humanidade para este reino (Mt 18.3-4). Se levarmos isso a sério, a infância se torna uma metáfora do reino, onde celebramos a grandeza do pequeno e a esperança de “novos céus e nova terra” (2Pe 3.13). É possível, portanto, perceber que, do ponto de vista cristão, a defesa de direitos da criança é mais do que uma escolha responsável; é uma missão de Deus para nós. Tal grau de responsabilidade faz jus à grandeza da criança no coração do Pai.¹⁰³

É comum, em muitas igrejas, deixar de lado um plano de preparação para as pessoas envolvidas com o ministério com as crianças. A ideia foi e tem sido incentivar as igrejas a participarem ativamente nos problemas da comunidade, interagindo com seus moradores, procurando conscientizar, informar e prevenir os moradores sobre os principais problemas existentes, como a exclusão, o crescimento da violência, a falta de assistência à saúde, jovens envolvidos com drogas, problemas jurídicos e familiares, falta de informações sobre práticas sociais e de cidadania, enfim, muitas são as questões a serem discutidas e sanadas.

¹⁰² MÃOS DADAS. Pensar sobre a criança: retomando a tarefa. *Revista Mão Dadas*, Viçosa, n. 14. Disponível em: <http://www.maosdadas.org/?pg=show_artigos&area=revista&artigo=55&sec=34&num_edicao=14&util=1>. Acesso em: 25 maio 2010.

¹⁰³ DIAS, Lissânder. Criança: um sujeito de direitos: uma perspectiva cristã. *Revista Mão Dadas*, Viçosa, n. 14. Disponível em: <<http://www.maosdadas.org/?pg=show®istro=491&util=1>>. Acesso em: 25 maio 2010.

Inicialmente, havia apenas um espaço físico reduzido e precário para a prática de esportes com muitos buracos e mato. Foi marcado um mutirão e anunciado na Comunidade que estaria sendo iniciada uma escolinha de futebol. Os treinos aconteceriam todo sábado, na parte da manhã. No primeiro encontro, somente 5 ou 6 crianças compareceram. Houve muita persistência com os encontros, e mesmo sem nenhum tipo de material esportivo – existia apenas uma bola – os encontros foram se desenvolvendo.

Através de parcerias com pequenos comerciantes locais, foram comprados alguns coletes para treinos e com 4 meses de atividades tínhamos 25 crianças e adolescentes participando. Nesse período, outras pessoas passaram a ajudar com um antigo amigo do autor e hoje pastor de uma comunidade cristã em Guarapari, que já mantém um trabalho com escolinhas de futebol em outro bairro da cidade, com toda a infraestrutura de campo e lazer. Através de seu apoio, foi feita uma parceria que proporcionou novas experiências para as crianças da Comunidade de Bico do Urubu, através de jogos, brincadeiras, festivais e eventos evangelísticos.¹⁰⁴ Graças a esse intercâmbio, ao desenvolvimento e à divulgação do trabalho na Comunidade, conseguiu-se outros patrocinadores e, em setembro de 2009, obteve-se o próprio material esportivo como chuteiras, jogos de camisas, meiões, shorts e bola.

Uma pessoa voluntária, moradora da Comunidade, durante a semana observava as crianças na Comunidade, pois eram colocados 3 condições fundamentais para a participação como prioridades: primeiro, frequentar a escola, uma tentativa de combater a evasão e o baixo rendimento escolar na comunidade; segundo, frequentar as igrejas, pois se acredita que uma boa educação pode vir acompanhada de princípios e valores éticos compartilhados pelas famílias da Comunidade, independentemente do credo; e terceiro, manter um bom relacionamento com a família, pois muitas crianças são desobedientes ou rebeldes, talvez por traumas ou pela própria situação social que inibe valores relacionados à vivência digna em termos econômicos.

O ano de 2009 teve fim com 40 crianças e adolescentes, entre 7 a 17 anos, participando das atividades esportivas. O número de crianças levou à necessidade de providenciar um local mais amplo para as atividades. Foi agendada pelo grupo

¹⁰⁴ Anexo E.

denominacional com a Comunidade a realização de um trabalho de limpeza de uma determinada área aterrada, lugar que servia de depósito de lixo. Marcado o mutirão com as crianças e famílias para iniciar a limpeza da área, poucas compareceram. A ação coletiva em situações de necessidade parece esbarrar na falta de consciência e de coletividade das pessoas da comunidade. Poucas pessoas compareceram. É compreensível. A articulação tem a ver, muitas vezes, com a disposição produzida pelos fatores culturais de educação e de necessidade.¹⁰⁵

No início deste ano, em março de 2010, foram paralisadas as atividades para que tivesse início a limpeza do campo. Em maio, estava pronta a limpeza. Desta maneira, foram reiniciados os trabalhos com as crianças, agora com atividades e treinamentos às terças e quintas-feiras, à tarde, e aos sábados pelas manhãs.

O mais importante nessa iniciativa é que as crianças têm entendido o recado, tanto que, no decorrer desse semestre, muitas retornaram à escola e, segundo declarações de seus pais, melhoraram seus comportamentos em seu convívio familiar. Crê-se que o primeiro passo foi dado com êxito, pois o objetivo maior foi e tem sido alcançado, qual seja, ocupar o tempo das crianças e tirá-las das ruas, e isso de forma saudável.

Um detalhe sobre o espaço do campo é que boa parte dessas áreas foram invadidas e eram pleiteadas por famílias locais, criando grande desavenças entre elas. Apesar da grande dificuldade, obteve-se o convencimento das pessoas que se diziam ter posse da área a continuar com o trabalho para a realização do projeto.

Devido aos resultados obtidos nas atividades, tem sido preparado a organização de equipes femininas para a prática de esportes, além dos moradores locais manifestarem o desejo de formar uma equipe de adultos. Além disso, este trabalho envolvendo as crianças possibilitou a aproximação com as famílias, abrindo oportunidades para a visitação nos lares. Através dessas visitas, foi feito um levantamento sobre a situação socioeconômica das famílias, por meio de um formulário, no qual são cadastrados e registradas as informações sobre as necessidades de cada uma das famílias.

Nessas visitas, percebe-se que, em muitos momentos, o mais importante para as pessoas não é, necessariamente, o alimento e sim, a atenção, o tempo

¹⁰⁵ Anexo F.

necessário para ouvi-las, dar um ombro amigo para suas lamentações e um abraço para confortar, devido à grande fragilidade e carência. Essa percepção e atitude tem respaldo no que diz Arzemiro Hoffmann:

A reconstrução humana começa no campo emocional, afetivo. A restauração espiritual passa, necessariamente, pela restauração afetiva. À medida que o afeto se encerra, a monstruosidade emerge. A restauração espiritual de um povo inicia com a arte de acolher, pela humanização do ser humano. O verbo de Deus precisa se tornar gente por inteiro em cada pessoa. Isso exige um novo olhar e uma nova percepção. Ser igreja profética e misericordiosa requer uma sensibilidade de ouvir o Espírito está dizendo à igreja num contexto específico. A transformação da realidade urbana pressupõe a conjugação de muitas iniciativas, projetos, ações coletivas visando ao mesmo fim. Deus estende suas asas sobre toda a cidade. À igreja cabe a tarefa de acolher as pessoas para esse amparo do Senhor. Só assim, cada qual encontrará sua tribo e não será mais massa solitária.¹⁰⁶

Nesse ano, no mês de abril, o projeto recebeu doações de telhas que estão sendo usadas na construção de um local, no quintal da casa de uma das pessoas voluntárias, que se situa no centro da Comunidade de Bico do Urubu. A proposta é acolher e organizar reuniões com crianças e adultos, nas quais são mostradas filmes evangélicos, palestras educativas e preventivas sobre os mais diversos assuntos como pedofilia, drogas, saúde, cidadania – direitos e deveres do cidadão – e muitos outros. Através desses programas, pode-se promover o exercício efetivo da cidadania, auxiliando os moradores da comunidade a identificar os seus direitos, esclarecendo-os, também, a respeito de seus deveres, pois é o cumprimento do dever é que, conseqüentemente, pode gerar o direito de reivindicar que os poderes públicos, estaduais e federais, sejam mais comprometidos e zelosos de suas obrigações.

Enquanto se buscou firmar parcerias com as igrejas de Guarapari, teve também início a promoção de encontros e realizações de cursos como de costura, croché, alimentação, alternativa e outros, na Associação Ebenézer de Assistência Social. Certamente o Espírito do Senhor tem fortalecido essa caminhada, pois são iniciativas que dependem de corações voltados para o serviço voluntário, diaconal e missionário.

¹⁰⁶ HOFFMANN, 2007, p. 22.

As igrejas têm a Missão e a responsabilidade de tomar iniciativas nesse sentido, baseadas nos exemplos de Jesus e na herança que foi deixada por Ele. Em seu livro *Participantes da graça*, Sherron Kay afirma:

O trino Deus missionário relaciona e age em parceria mútua ao enviar a igreja ao mundo no poder do Espírito como um instrumento da missão salvadora de Deus de restaurar relações, vidas e a criação despedaçadas. Assim como Deus envia Jesus e o Espírito, assim envia a igreja ao mundo como agente do objetivo missionário de Deus (Jo 17.18;20.21).¹⁰⁷

René Padilha também define a ação do Espírito, em relação à Igreja, como testemunha da ação e manifestação dos filhos e filhas de Deus como exemplo de vivência que dá frutos dignos de arrependimento:

A missão da igreja é a extensão da missão de Jesus. É a manifestação, ainda que não completa, do Reino de Deus tanto por meio da proclamação como por meio da ação e do serviço social. O testemunho apostólico continua sendo o testemunho do Espírito acerca de Jesus Cristo, por meio da igreja.¹⁰⁸

Os cursos foram primeiramente voltados para mulheres da comunidade, devido à disponibilidade de tempo (costura, alimentação alternativa e pintura). Havia, inicialmente, 6 mulheres, mas a meta é chegar próximo de 50 moradoras da comunidade participando. Quer-se formar, até o final de 2010, uma cooperativa com as mulheres da Comunidade para que, com os resultados das vendas dos produtos fabricados, possam ter seus lucros revertidos em benefício da própria Comunidade.

Houve contato com algumas igrejas em Guarapari, no intuito de promover parcerias, trazendo para a comunidade profissionais das mais diversas áreas que tenham um comprometimento com a Palavra de Deus, realizando um trabalho voluntário preventivo, educativo e curativo. Serão tratados não somente assuntos relacionados à vida espiritual, mas questões atuais, relacionados ao meio ambiente, pedofilia, cidadania, saúde, educação, drogas e muitos outros. Nas igrejas da região, apesar de não estarem diretamente ligadas à Comunidade de Bico do Urubu, foram feitas visitas e a recepção foi favorável, algumas se mostraram dispostas a ajudar com os profissionais voluntários que fazem parte do rol de membros, profissionais

¹⁰⁷ GEORGE, Sherron Kay. *Participantes da graça: parceria na missão de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 31.

¹⁰⁸ PADILHA, 2005, p. 207.

das áreas de psicologia, medicina e professores de várias áreas (educação física, judô, vale tudo, e outros).

Existem duas pequenas igrejas cristãs no bairro Lameirão, bem próximas da Comunidade de Bico do Urubu, e uma na própria Comunidade. Os pastores e líderes destas pequenas igrejas foram procurados para serem esclarecidos a respeito do projeto e intenção, visando a possibilidade de uma parceria, que utilizaria o espaço físico do templo para o início do trabalho preventivo e de conscientização na comunidade. No entanto, a primeira impressão foi de desconfiança e uma certa insegurança da parte daquelas lideranças.

Infelizmente, nunca houve uma iniciativa concreta das igrejas para atividades visando a um trabalho conjunto e coletivo, com fins educativos e preventivos. Existe boa vontade de seus líderes e pastores, mas o trabalho exige e necessita de material humano disponível para a tarefa. Há necessidade de pessoas preparadas e capacitadas para o trabalho. Os trabalhos dessas pequenas igrejas estão voltadas para o lado espiritual, que é salvar almas, além de seus dogmas e fundamentalismos teológicos. Deixam transparecer que as questões sociais não são de responsabilidade das igrejas.

A Igreja, através de um trabalho voluntário, diaconal e missionário, pode ser importante nesse papel. A proposta é de trazer indicativos na reflexão sobre o papel das igrejas frente às necessidades sociais.

Compreendendo que o fundamento da diaconia é cristológico, Kjell Nordstokke salienta muito bem esse papel diaconal da Igreja frente à sociedade:

Por ter esse fundamento (Cristo), a diaconia não pode ser considerada algo acidental na vida comunitária, ou simplesmente como uma atividade de um grupo especialmente interessado em assuntos sociais. A identidade eclesiológica da diaconia faz com que ela não possa ser igualada a ação social, mesmo que na prática possa tomar uma forma semelhante. O jeito diaconal de ser da Igreja tem como função tanto a vida interna da comunidade quanto a sua missão no mundo. O episódio relatado em At 6.1-6 revela a importância que os líderes da comunidade primitiva davam ao conflito social. O que estava em jogo não era simplesmente um sistema melhor de distribuir o pão, mas a própria unidade da comunidade e, com isto, a sua identidade. Podemos concluir que “o servir às mesas”, muito mais do que assistir os necessitados, visa zelar pela qualidade messiânica da comunidade, onde ninguém passa fome e onde há distribuição justa.¹⁰⁹

¹⁰⁹ NORDSTOKKE, 1998, p. 276.

Com o desenvolvimento dos trabalhos na Comunidade de Bico do Urubu, no bairro Lameirão, e a existência da Associação Ebenézer de Assistência Social, próximo à Comunidade, concluiu-se que seria relevante unificar os trabalhos da Comunidade ao da Associação Ebenézer. Por exemplo: o projeto da escolinha de futebol, o trabalho de qualificação com as mulheres da comunidade, a parceria com profissionais que ministram palestras e cursos, os sopões ou qualquer outra atividade na Comunidade. A importância dessa junção está no fato de a Associação Ebenézer estar em processo de regularização e registro diante dos órgãos competentes. Dessa forma, sempre que se pleitear verbas, poderão ser apresentados todos os projetos que pertencem à Associação Ebenézer, incluindo as atividades da Comunidade de Bico do Urubu.

Na associação Ebenézer de Assistência Social, da qual o autor atualmente faz parte da diretoria, como segundo vice-presidente, as atividades iniciaram em 2003 e eram administradas pelo pastor da igreja e sua esposa. Porém, devido à sobrecarga das muitas tarefas, caminhava com grandes dificuldades. Apesar de existir há 7 anos, a Associação Ebenézer ainda não estava devidamente regularizada e registrada diante dos órgãos competentes do município.

No início das atividades, procurou-se participar de reuniões com os órgãos competentes municipais, estaduais e federais, para se buscar informações sobre os recursos e os caminhos para as ações de parceria com o Estado. Teve início a organização para regularização diante dos órgãos públicos para definição dos objetivos que deveriam ser alcançados; e os setores nos quais poderíamos pleitear verbas, não são somente dos poderes públicos, estaduais e federais, mas também junto às empresas que são voltadas para ação social.

Após a regularização e registro, passou-se a trabalhar no que se acreditava ser importante para divulgar o projeto, que foi a criação de um selo para a associação, pois precisávamos atrair empresários como mantenedores ou patrocinadores formais para caminharem junto com o projeto. A ideia se localizava no convite a que as empresas dessem apoio financeiro ao projeto de acordo com sua disponibilidade. Cada mantenedor ou patrocinador teria o selo da associação vinculado à marca de sua empresa e esta marca estaria presente nos meios de divulgação da associação como site, uniformes, materiais escolares e outros produtos da associação. Além dessa divulgação, a empresa poderia se beneficiar

diante da sociedade com seu envolvimento com a comunidade, com a preservação do meio ambiente, com a inclusão social de crianças carentes por meio dos esportes. Haveria um retorno na mídia espontânea para a imagem da empresa como socialmente responsável. O fortalecimento de sua imagem, aumento do reconhecimento público, simpatia junto ao público e a mídia são elementos muito importantes no mundo dos negócios. É uma imagem que se vende ao público e à sociedade como um todo. É preciso aproveitar esse viés atual.

Mantiveram-se alguns contatos com empresários e a recepção foi e tem sido satisfatória devido à seriedade dos trabalhos na associação e na Comunidade. Eles têm compreendido que a maior motivação do projeto é resgatar vidas e amenizar o sofrimento das crianças e dos moradores da Comunidade de Bico do Urubu.

A expectativa é que, através dessas iniciativas, seja possível contribuir um pouco para a conscientização de empresários de que empresa socialmente responsável é aquela que se preocupa com o bem-estar de seus colaboradores e da Comunidade onde atua, estabelecendo ações que gerem um efeito de sustentabilidade e efetividade que impliquem mudanças no modo de vida na Comunidade de Bico do Urubu.

Certamente ainda há muito a ser feito, muitas são as comunidades que necessitam e clamam por justiça. Os indicativos acima, o trabalho social proposto, tem como objetivo promover a inclusão, transformação social e ter o reconhecimento da sociedade como um todo, e que os resultados possam proporcionar às partes envolvidas ainda mais motivação para a continuidade da Gestão em Responsabilidade Social. E que a diaconia seja efetiva na vida da Comunidade.

CONCLUSÃO

Trabalho voluntário, missionário e diaconal certamente é um tema inesgotável, pois muito tem que ser acrescentado ainda à discussão. Não se pretende mudar e resolver todos os problemas da comunidade, mas a finalidade desse trabalho é contribuir para a promoção da cidadania de adolescentes e jovens a partir de uma experiência de trabalho voluntário, missionário e diaconal na perspectiva de um trabalho de caráter preventivo e curativo.

Este estudo tem como objetivo, e acreditamos em sua relevância no âmbito social, apontar para iniciativas de trabalhos diaconais baseados na certeza de que a diaconia não se restringe ao âmbito simplesmente do servir as mesas, mas se localiza na atmosfera de amplitude do tema do amor ao próximo. A proposta foi avaliar, inicialmente, um caso concreto dentro do contexto de periferia, o qual é repleto das contradições existenciais entre a resistência das pessoas e a segregação causada pelas diferenças sociais. A Comunidade de Bico do Urubu é formada por pessoas que necessitam de políticas públicas razoáveis que atendam suas necessidades. A esperança é que o trabalho aqui desenvolvido cumpra a inicial tarefa de reflexão sobre a prática, e que possa voltar à prática com maiores subsídios para avaliação do que pode ser feito. O desejo que nasceu a partir da experiência de encontro com a situação daquelas famílias, pois quanto mais se envolve com a Comunidade, mais se percebe sua carência e necessidade. Neste momento, a reflexão pode orientar o fazer diaconal. E esse fazer diaconal começa a partir do envolvimento de seu cotidiano, quer dizer: conhecer as pessoas, suas histórias de vida, suas lutas e o contexto mais geral da Comunidade de Bico do Urubu. Concebe-se que é necessário subir à Jerusalém com Jesus.

A população mundial tem crescido assustadoramente e o povoamento e aumento das periferias não ficam atrás. Conseqüentemente, os problemas também aumentam. A Comunidade de Bico do Urubu é representativa das Comunidades de periferia das cidades brasileiras. As igrejas se fazem presentes nestas Comunidades, geralmente, com objetivos missionários proselitistas, pois, muitas vezes fica restrita ao aspecto considerado espiritual de salvar almas, simplesmente. Parece que não existem corpos. São somente almas a serem ganhas, independente de sua condição. Por outro lado, quando há ações diaconais, podem apresentar

feições assistencialistas. A realidade na Comunidade de Bico do Urubu mostra que a exigência é maior: há problemas sociais e humanos que reclamam soluções mais profundas, soluções de cidadania, soluções integrais e não parciais.

A situação de Comunidades, como a de Bico do Urubu, na qual convivem pessoas de pouca instrução e baixa escolaridade e que buscam alternativas para seu sustento como vender doces e balas nas ruas, pedir esmolas em trânsito, catar lixo para reciclagem, isso quando não são usados para o tráfico, ou seja, ambientes favoráveis a um início de caminhada para a marginalização efetivada, consubstanciam-se como contexto que clama por misericórdia e ações diaconais.

Comunidades como a de Bico do Urubu clamam por cidadania. É importante pesquisar iniciativas que têm o objetivo de fazer frente aos problemas sociais. Presencia-se na região, falta de projetos sociais voltados para essas comunidades, principalmente das igrejas cristãs.

Esse trabalho serve para conscientizar e despertar a perspectiva diaconal de que a diaconia não se restringe a uma função subalterna na Igreja, por parte de pessoas que desejem ser diáconos e diáconas. A diaconia aponta para Deus como servo feito gente humilde na pessoa de Jesus. Essa imagem foi escolhida por Ele para realizar sua obra em caridade e o amor ao próximo. A diaconia, ação da Comunidade de fé que, segundo a Bíblia, atendia as necessidades das pessoas carentes tanto necessidades espirituais quanto físicas, visa estimular as igrejas através de seus líderes e pastores a repensarem sobre suas práticas diaconais, evangelizadoras e missionárias. O modelo de seguimento de Jesus como servo, como diácono, é o paradigma, é a fonte de conhecimento na qual bebemos da graça e misericórdia.

Entendendo, também, que a responsabilidade social é de todos os setores da sociedade, as igrejas deveriam saber que optar por um mundo mais digno faz parte daquele elemento sadio de obediência ao Estado, pois se obedece somente ao trivial e não à exigência de fomento às políticas fundamentadas nos direitos sociais. Obedecer é participar.

A experiência de parcerias na Comunidade de Bico do Urubu, com empresas e igrejas, apesar de serem muito positivas, ainda são modestas. O importante é que o trabalho tem acrescentado esperanças para as pessoas da

Comunidade, principalmente para as crianças. O trabalho cresce e, conseqüentemente, as pessoas ligadas ao projeto crescem juntas, na medida em que há abertura para inclusão de outras iniciativas. Através dessas experiências práticas, vai se descobrindo cada vez mais potenciais do trabalho voluntário, da Missão e da diaconia e suas muitas formas de atuação. Não há exclusivismo, o que há é espaço para ações conjuntas que somem forças. A missão é diaconal porque é pautada no serviço ao próximo, é o seguimento mesmo de Jesus para Jerusalém. A diaconia é missionária porque não deve ser para dentro da igreja cristã de maneira exclusivista, mas é o chamado para fora, para as praças, para os becos e comunidades carentes. Jesus em sua missão foi servo, e em sua servidão foi missionário, pois levou o amor e a solidariedade aos mais necessitados, aos que estavam à margem da sociedade. Foi uma opção não somente pelos pobres, mas uma opção de solidariedade em pobreza de espírito, quer dizer, de humildade. No entanto, isso não significa subserviência ou passividade ante aos senhores destes mundo, não, de forma alguma; quer dizer, isso sim, que a missão por ser diaconal é, sobretudo, crítica da sociedade, pois é na sensibilidade ante aos desmandos que se toma atitude de mudanças.

Intenta-se, com pesquisa e fundamentação teológica de iniciativas e experiências bem sucedidas, motivar as igrejas a repensarem seus modelos e suas práticas diaconais e missionárias a saírem do âmbito simplesmente proselitista. Iniciativas bem sucedidas podem servir de exemplo para outros setores da sociedade que queiram investir na construção da cidadania.

Na área empresarial, quer-se despertar empresários para a relevância do voluntariado empresarial, ou seja, uma experiência diaconal e missionária em contexto de periferia pode inspirar, despertar e motivar empresários para uma atuação voluntária como contribuição para a promoção da cidadania na Comunidade de Bico do Urubu.

Através do trabalho voluntário, missionário e diaconal, percebe-se que a ação de Jesus, que deixou exemplos de solidariedade e fraternidade, pode ser e deve ser vivida sempre a cada momento dentro da experiência de fé comunitária. Jesus procurava demonstrar para as pessoas ao se redor, através de suas atitudes, sem desigualdades, o verdadeiro sentido do Reino de Deus.

A Igreja deve procurar realizar através de ações concretas essa pregação que Jesus há muito já apresentava para as pessoas de seu tempo. A Igreja deve agir de maneira diaconal a fim de que através dela o mundo possa sentir a presença do Reino de Deus, mesmo que como em flashes ou relâmpagos em noites escuras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sérgio. *Missão e Diaconia: Serviço de Evangelização para a América Latina* (SEPAL). Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=1896>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

AREIAS MONAZÍTICAS - Guarapari - Espírito Santo. Disponível em: <http://www.guaraparivirtual.com.br/areia_m.as>. Acesso em: 23 jun. 2010.

AREIAS MONAZÍTICAS - Guarapari - Espírito Santo. Disponível em: <http://www.guaraparivirtual.com.br/areia_m.asp>. Acesso em: 15 mar. 2010.

BACH, Ulrich. "Mas sob tua palavra": em favor de uma Igreja diacônica. *Concilium*, v. 218, n. 4, p.131-139, 1988.

BEULKE, Gisela. *Diaconia: um chamado para servir*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BOFF, Leonardo. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus, 2002.

_____. *Saber cuidar. ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 2002.

BULTMANN, Rudolf. *Demitologização: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.

COMBLIN, José. Diaconia na cidade. In: ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf von (Orgs.). *Diaconia no contexto Nordestino: desafios, reflexões, práxis*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *A juventude e a realidade dentro do contexto brasileiro*. Disponível em: <<http://www.cinterfor.org.uy/jovenes/doc/not/libro60/i/i/index.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2010.

DIAS, Lissânder. Criança: um sujeito de direitos: uma perspectiva cristã. *Revista Mão Dadas, Viçosa, n. 14.* Disponível

em: <<http://www.maosdadas.org/?pg=show®istro=491&util=1>>. Acesso em: 25 maio 2010.

FERREIRA, Maira. *Liminar da Vara do Meio Ambiente de Guarapari*. Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.direito2.com.br/tjes/2010/fev/5/liminar-da-vara-do-meio-ambiente-de-guarapari>>. Acesso em: 5 mar. 2010.

FIGUEIREDO, Adiel Tito de. *Diaconia ou promoção humana*. São Paulo: AELPR, 1997.

FIGUEIREDO, Fernando Antônio (Org.). *Os Padres da Igreja e a questão social: homilias de Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GAEDE NETO, Rodolfo. A criança na Bíblia. In: GAEDE NETO, Rodolfo (Org.). *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

_____. *A Diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão nos primeiros séculos*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999.

GEORGE, Sherron Kay. *Participantes da graça: parceria na missão de Deus*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A piedade pervertida*. São Paulo: Grapho, 2006.

HIGUET, Etienne A. Jesus Cristo: símbolo de kairós no pensamento de Paul Tillich e nos cultos afro-brasileiros. *Revista Eletrônica Correlatio*, 2005, v. 4, n. 7, p. 60-76, 2005.

HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus*. Curitiba: Encontro, 2007.

LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

MÃOS DADAS. Pensar sobre a criança: retomando a tarefa. *Revista Mão Dadas*, Viçosa, n. 14. Disponível

em: <http://www.maosdadas.org/?pg=show_artigos&area=revista&artigo=55&sec=34&num_edicao=14&util=1>. Acesso em: 25 maio 2010.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. *Diaconar*: uma maneira de cuidar e servir. Disponível em: <http://www.novolhar.com.br/noticia_edicoes.php?id=394>. Acesso em: 15 de junho de 2010.

NORDSTOKKE, Kejll. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática: no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE: 1998.

_____. *Diaconia: fé em ação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

PADILHA, René. *Missão Integral: ensaios sobre o reino e a igreja*. 2. ed. Londrina: Descoberta, 2005.

PAIXÃO, Márcia. Uma reflexão sobre o voluntariado. In: GAEDE NETO, Rodolfo (Org.). *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

REICKE, Bo. Diáconos no Novo Testamento e na Igreja Primitiva. In: NORDSTOKK, Kejll (Org.). *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

ROLDÁN, Alberto. *Seminário de Missão e Identidade*. Brasil: CLAI, maio de 2000. Disponível em: <<http://www.ejesus.com.br/exibe.asp?id=1896>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO, ASSISTÊNCIA E CIDADANIA. Política Nacional de Assistência Social (PNAS). Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/index.php>>. Acesso em 5. mar. 2010.

SEMSA realiza Ação Saudável no “Bico do Urubu”. Disponível em: <<http://www.guarapari.es.gov.br/ntmostra.php?id1223>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

SINNNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Diaconia e profecia. In: *Ação diaconal: uma reflexão no contexto nordestino*. Recife: Diaconia, 2000.

TEIXEIRA, Helio Aparecido. *Diálogos sobre a Relevância Social da Associação Beneficente Floresta Imperial – ABEFI: a publicidade cívica da diaconia*. Dissertação

(Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

WEINGÄRTNER, Lindolfo. A estrutura diacônica da comunidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 4, n. 1, 1964.

WESTPHAL, Euler. A ética social na teologia de John Wesley. *Vox Scripturae*, v. 7, n. 2, p. 83-97, 1997.

YAMAMORI, Tetsunao; PADILLA, René; RAKE, Gregório. *Servindo com os pobres na América Latina: modelos de ministério integral*. Curitiba: Descoberta, 1998.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Liberdade e Paixão: Missiologia Latino-Americana e o Antigo Testamento*. Londrina: Descoberta, 2000.

ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

ZWETSCH, Roberto. *Missão como com-paixão: para uma teologia da missão cristã em perspectiva* Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.

ANEXO A: Esgoto e lixo lançados diretamente nos manguezais



Foto 1: Esgoto e lixo lançados diretamente nos manguezais



Foto 2: Esgoto e lixo lançados diretamente nos manguezais

ANEXO B: Reportagem sobre o trabalho da Associação Ebenézer

14 - Voluntariado

O CAPIXABA

Guarapari, 30 de Maio a 30 de junho de 2010

Associação Ebenézer desenvolve trabalho social através de voluntários

Entidade atende 120 crianças e adolescentes de segunda a sexta-feira de 09: às 16:00 horas

A associação Ebenézer de Assistência Social – AEAS- foi criada em 2003 com o objetivo de desenvolver trabalhos sociais dentro das comunidades carentes na região Sul do Estado.

Sendo assim, após uma visita ao bairro Lameirão em Guarapari o atual presidente da Associação Ebenézer, Delson Luiz do Nascimento, enxergou a necessidade da implantação do projeto na comunidade, para resgate da dignidade e valores das pessoas que ali residem.

"Um dia fui levar minha filha para fazer um trabalho de escola em Lameirão, e vi a necessidade de implantação desse projeto na comunidade, sempre ouvia falar do bairro Lameirão, mas não conhecia a realidade de perto, a partir daquele momento surgiu a ideia de desenvolver o projeto aqui", afirma Delson Luiz.

Antes da implantação do projeto, o bairro Lameirão era totalmente esquecido pelas autoridades públicas, já que na comunidade não existia nem um tipo de infra-estrutura e saneamento e ainda contava com um aterro sanitário que servia como fonte de renda para grande parte da população daquela localidade.

Após um ano da implantação da Associação Ebenézer, esse aterro sanitário foi retirado do local, fato este que aumentou ainda mais a responsabilidade da entidade e, pois tinham que desenvolver ações na localidade a fim de melhorar as expectativas de vida na região, já que o aterro sanitário que funcionava ali e que era a maior fonte de renda daqueles moradores não existia mais.

A princípio a entidade funcionava em um local cedido pela

filial da Assembleia de Deus de Meaipe e aos poucos com muito empenho e principalmente com muita seriedade foram surgindo novos parceiros como Curuca e Lea que foram fundamentais para viabilização de recursos, para que novas edificações fossem feitas contribuindo ainda mais para a extensão dos trabalhos oferecidos pela entidade.

Hoje a entidade atende 120 crianças e adolescentes da região de segunda a sexta-feira de 09: às 16:00 horas.

"Estamos buscando parcerias, para a expansão desse projeto com outras comunidades, onde possamos contribuir com o crescimento das crianças e dos adolescentes, para que eles almejem um futuro mais promissor, tendo ao menos a dignidade e responsabilidade", finaliza Delson Luiz.



**SE DEPENDER DA PREFEITURA,
O MOSQUITO DA DENGUE
NÃO VAI TER NENHUMA
CHANCE EM ANCHIETA.**

O mosquito da dengue está na mira da Prefeitura de Anchieta. E a caçada está sendo impecável. São diversas ações de combate em todo o município, tudo para evitar a proliferação dos criadouros e proteger a saúde da população. Se depender da gente, esse mosquito não vai ter nenhuma chance por aqui. Faça você também a sua parte.



www.anchieta.es.gov.br

ANEXO C: Localização da Comunidade do Bico do Urubu

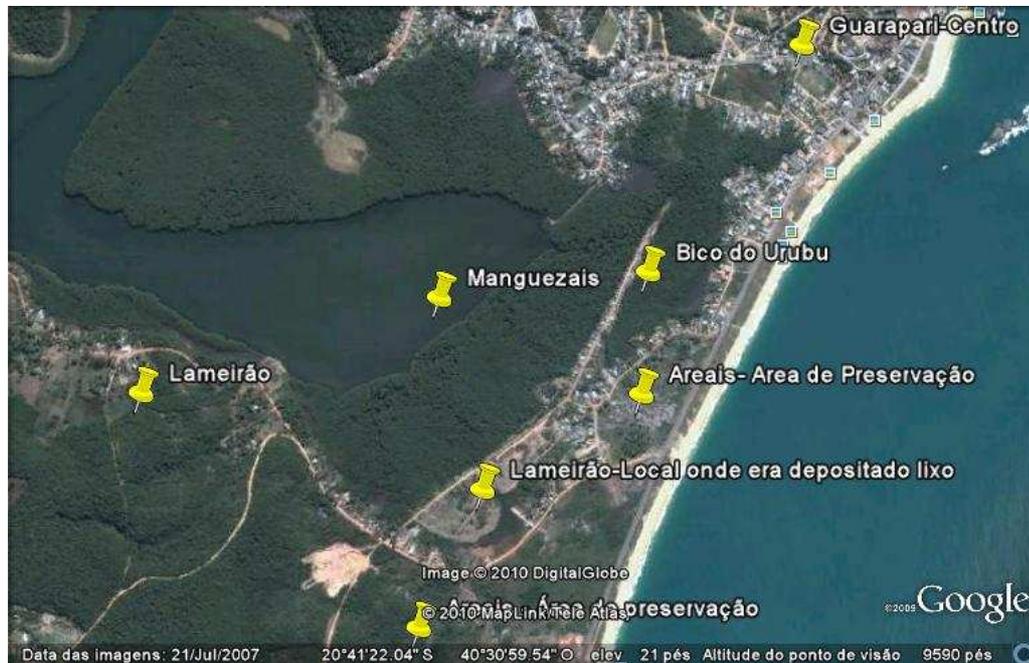


Foto 3: Localização da Comunidade do Bico do Urubu

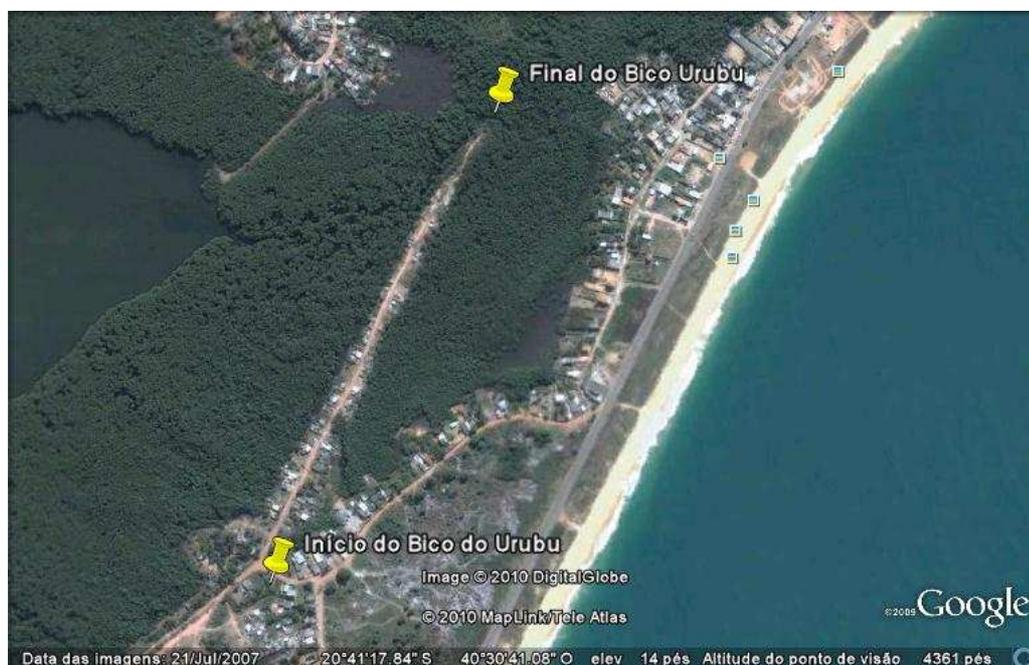


Foto 4: Localização da Comunidade do Bico do Urubu

ANEXO D: Rua da Comunidade do Bico do Urubu



Foto 5: Rua da Comunidade do Bico do Urubu



Foto 6: Rua da Comunidade do Bico do Urubu

ANEXO E: Escolinha de futebol da Comunidade do Bico do Urubu



Foto 7: Time A (até 12 anos)



Foto 8: Time B (até 17 anos)

ANEXO F: Área do campo de futebol



Foto 9: Área para o campo de futebol no início do mutirão



Foto 10: Área para o campo de futebol após o mutirão